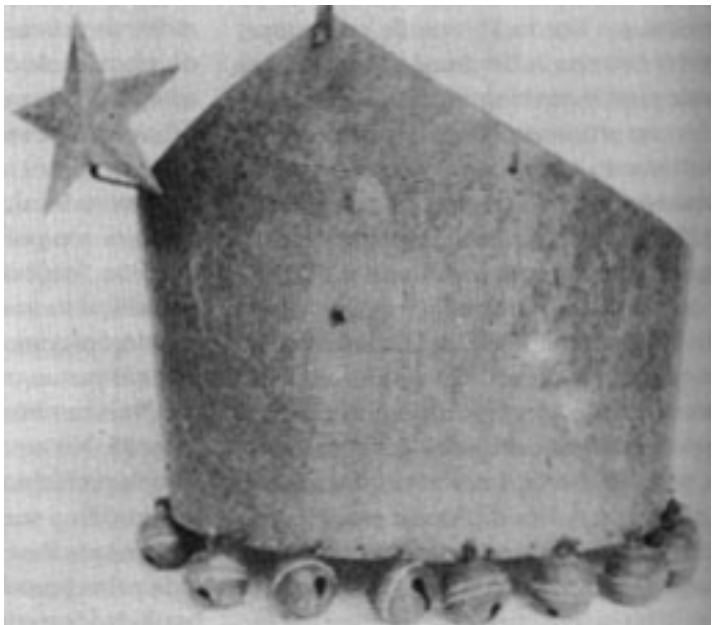
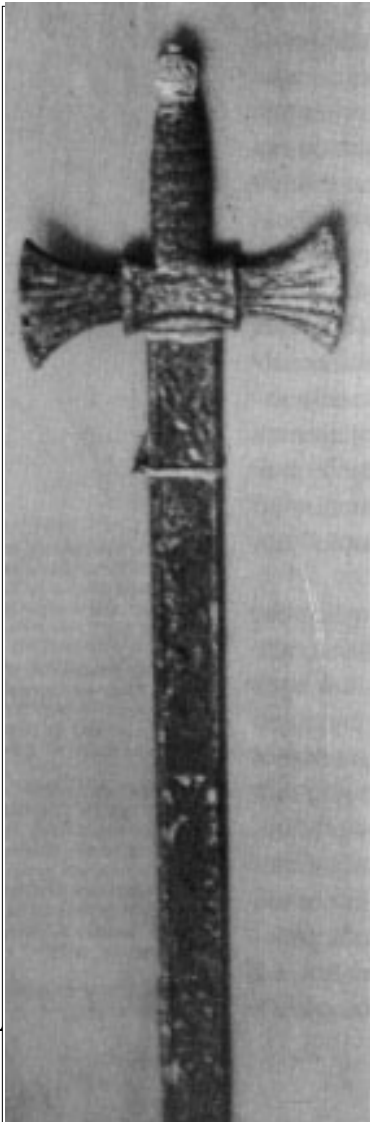


# P<sup>O</sup> V<sup>O</sup> Negro



ANGELA LÜHNING

# “Acabe com este santo, Pedrito vem aí...”

Mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942

Quase toda a população mais velha de Salvador chegou a conhecer o delegado Pedro Azevedo Gordilho, chamado Pedrito, e prontamente se dispõe a contar episódios de sua vida (1). Ele não foi nem o primeiro, nem o último delegado a perseguir o candomblé. Foi, porém, um dos mais violentos e temidos, e de certa forma tornou-se um símbolo da perseguição durante uma certa época. Foi um tanto difícil abordar a sua vida e sua atuação profissional, porque o real e o lendário confundem-se. Para uns, os acontecimentos daquela época não passam de um exagero, tudo seria mais lenda e mito que realidade. Para outros, a perseguição existia de uma forma real, inexistindo, porém, relatos objetivos. As únicas provas reais que existem são as peças e objetos de culto apreendidos pela

NO DESTAQUE,  
MÁSCARA  
GUELEDÉ (RITUAIS  
DAS MÃES  
ANCESTRAIS) COM  
CARACTERÍSTICAS  
IORUBÁS; ESPADA  
DE OXALÁ (O "IBI");  
E UM "ADÊ",  
CAPACETE DE  
FOLHA DE  
FLANDRES  
PINTADA DE  
PRATEADO —  
COMPÕE TRAJE  
DE OXALÁ

ANGELA LÜHNING é pesquisadora do Departamento de Música, Filmes e Tradições Oraís da Fundação Verger. A sua tese de doutorado, *A Música no Candomblé Nagô-Ketu. Estudos sobre a Música Afro-Brasileira em Salvador, Bahia*, foi publicada na Alemanha.

polícia, que até hoje se encontram no Museu do Instituto Geográfico e Histórico e no Museu Estácio de Lima, junto ao Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues (2).

Na tentativa de separar o factual do lendário, iniciei uma pesquisa nos jornais publicados entre 1919 e 1942 (3), procurando artigos com informações mais concretas sobre as chamadas “batidas” nos candomblés e outras indicações sobre a pessoa de Pedrito, consultando também diversas publicações que pudessem fornecer alguma informação sobre a sua carreira. Visitei arquivos e bibliotecas atrás do material, e procurei pessoas diversas (ligadas ou não ao candomblé), que pudessem falar daquela época. Desta forma, fui juntando uma grande quantidade de informações bem diversas, que se complementam e às vezes até se contradizem (4). Porém, no total, formam um mosaico de detalhes que nos esclarecem bastante sobre a pessoa de Pedrito, como também sobre os seus sucessores e seu relacionamento com o candomblé. Mesmo assim, as diversas informações apresentam um certo problema: as de transmissão oral muitas vezes não podem ser fixadas numa certa data concreta, ficam meio vagas e soltas no espaço e no tempo; e as matérias de jornal que relatam as chamadas “batidas” são escritas num tom altamente preconceituoso, passando uma visão unilateral, refletindo a opinião de apenas uma parte da sociedade soteropolitana, tentando influenciar e formar a opinião pública contra o candomblé.

É necessário acrescentar que os documentos policiais - queixas, relatórios de batidas, autos de perguntas, processos de *habeas corpus* e outros mais - mencionados em muitos dos artigos pesquisados até o presente momento não foram encontrados no Arquivo Público da Bahia (com exceção de dois), sem que se possa explicar tal fato - a não ser que todos os documentos tenham ficado sob a guarda da própria polícia ou tenham sido destruídos. É, porém, curioso que no Arquivo Público existam diversos processos e documentos relativos ao jogo do bicho, que era um outro alvo de perseguição nos anos 20 e 30, envolvendo os mesmos delegados que aparecem nos artigos sobre o candomblé.

Face a tal quantidade de material, e ciente dos problemas mencionados, o objetivo maior deste trabalho é o de tratar de desmistificar

o mito de Pedrito, e analisar os dados sobre a chamada repressão policial de uma forma geral, através de uma leitura cuidadosa dos textos, da sociedade envolvida nos acontecimentos e das vertentes do pensamento ideológico que ficam salientes.

A fim de esclarecer os acontecimentos da referida época, pretende-se citar o necessário e, ao mesmo tempo, o máximo possível dos artigos pesquisados, para entender a argumentação dos jornais, que têm um papel fundamental - como veremos mais tarde -, e para entrar no espírito da época, através da linguagem e das metáforas usadas. Subentende-se, automaticamente, que - por esta razão - mantemos a ortografia original dos artigos citados no anexo, publicados nos jornais baianos *A Tarde (AT)* e *Estado da Bahia (EB)*.

Da mesma forma, serão incluídas as informações pessoais ou de transmissão oral que, muitas vezes, acrescentam dados interessantes àqueles fixados pela escrita. A história de Pedrito (entre 1920 e 1926) serve como exemplo para o período até 1936, em que podem ser observadas certas táticas e discursos que refletem o relacionamento entre o candomblé e a sociedade ao redor. Apenas depois de 1936, percebe-se uma forma nova e diferente de convivência, que se realiza lentamente.

“Não gosto de candomblé  
que é festa de feiticeiro  
quando a cabeça me dóe  
serei um dos primeiros

Procópio tava na sala  
esperando santo chegá  
quando chegou seu Pedrito  
Procópio passa pra cá

Galinha tem força n’aza  
o galo no esporão  
Procópio no candomblé  
Pedrito é no facão.”

“Acabe com este santo  
Pedrito vem aí  
lá vem cantando ca ô cabieci”

(Alvarenga, 1946, p. 200).

Quando estas cantigas foram colhidas pelo compositor paulista Camargo Guarnieri, que veio acompanhar o 2º Congresso Afro-Brasi-

leiro, realizado em Salvador em janeiro de 1937, a atuação de Pedrito como temido delegado-auxiliar da 1ª Circunscrição (5) já pertencia ao passado. Porém ele continuava sendo muito lembrado pelo povo-de-santo, a ponto de ter criado estas cantigas “de sotaque”, fazendo alusão à batida feita por Pedrito na casa do famoso pai-de-santo Procópio de Ogunjá. Uma contribuição ao mesmo Congresso cita mais uma variante, entre diversas outras existentes (6) referindo-se a Maria Nenem, a famosa mãe-de-santo da nação angola, no Beiru:

“O Maria Nenem  
Pedrito vem aí  
Ele vem cantando  
ca ô cabieci”

(Guimarães, 1940, p. 131).

A repercussão em volta da vida e da pessoa de Pedrito era tamanha, que ele chegou a ter o seu ABC, forma poética muito comum entre os poetas populares, os cantadores. Na versão consultada, que foi colhida em 1969, encontram-se duas alusões ao candomblé:

“Peço a todos que me perdoem  
Meus irmãos do candomblé...”

e mais tarde

“Lembro-me de d. Silvana  
A velha da bruxaria  
Eu cerquei a sua casa  
com a minha cavalaria  
E mesmo assim não pude  
trazê-la à delegacia”

(Calasans Brandão da Silva, 1980, p. 90).

Mãe Silvana é, desta forma, a única pessoa de candomblé mencionada, embora só pudéssemos fazer suposições sobre as razões desta preferência.

Segundo informações pessoais coletadas, Pedrito teria sido ogã na casa de Silvana, em Periperi. Uma outra pessoa contou que, enquanto trabalhava numa oficina de Periperi, Pedrito sempre deixava o carro em sua mão, para consertar, morando por perto, numa casa em Praia Grande. Existe até um boato de que Pedrito teria tido algum envolvimento emocional com Silvana. Não foi possível verifi-

car a batida na sua casa, mencionada nos versos do ABC, ao contrário, no dia 8/10/1921 foi noticiado que Silvana estava atuando com a proteção da polícia local, sem entrar em detalhes. Hoje, depois de 70 anos, certamente é impossível desvendar os meandros desta história, porém é bem provável que, pelas mais diversas informações citadas, existiu algum contato mais próximo entre o delegado e a mãe-de-santo.

Este tipo de contradição referente à vida de Pedrito encontra-se diversas outras vezes. O já mencionado caso de Procópio é um outro exemplo. Este caso foi um dos primeiros da carreira de Pedrito, e teve grande repercussão pública, devido à forma de defesa escolhida por Procópio. Em três matérias, aborda-se a invasão de seu “célebre candomblé”, destacando-se, por último, que Procópio procurou um advogado para “requerer um hábeas-corpus ao juiz Dr. Alvaro Pedreira”. Procópio argumentou que estava praticando o culto tradicional dos seus antepassados, sem nenhum incômodo para os seus vizinhos, e portanto coberto pela Constituição (T.1 - 29/5/20).

É possível que tenha sido a repercussão deste caso que fez com que Pedrito tivesse pedido a sua demissão ao desembargador Antonio Seabra, secretário de Segurança Pública. Este, porém, não concordou, e recusou-lhe o pedido. Frente a isso, Pedrito retirou a petição, e continuou no cargo (T.2 - 26/8/20).

Em relação a Procópio, encontram-se, novamente, diversas informações que sustentam um envolvimento pessoal de Pedrito com a sua casa: segundo Vivaldo da Costa Lima (1987, p. 153), ele “era membro de um conhecido Terreiro de Candomblé e, de uma certa forma, irmão-de-santo do pai Procópio”.

Jorge Amado, que aborda o “reinado” de Pedrito no seu romance *Tenda dos Milagres*, descreve uma cena (pp. 308-11) em que um dos acompanhantes de Pedrito, na ocasião da batida, teria “dado santo” na casa de Procópio, e até atentado contra o próprio delegado, o que teria levado ao já mencionado pedido de demissão. Outras informações pessoais já contam que o próprio delegado teria “dado santo”, ou na casa de Procópio ou de uma mãe-de-santo de nome ignorado. Novamente, não se tem como verificar estes detalhes, entrelaçando-se dados concretos menciona-

dos nos jornais com outros de tradição oral, entrando numa certa contradição. Porém é mais surpreendente ainda observar que até entre diversas fontes escritas há discordâncias e contradições referentes à sua própria vida. Uma biografia consultada (na História do Tribunal de Contas do Estado da Bahia) fornece os seguintes dados:

“Delegado Auxiliar, no segundo governo de José Joaquim Seabra, de 29 de março a 22 de outubro de 1922; a 22 do mesmo mês e ano, assumiu a Secretaria da Inspeção de Ensino; diretor de Secretaria da Polícia, a 22 de fevereiro de 1923; Secretário da Polícia e Segurança Pública, de 10 a 23 de outubro de 1930; Diretor do Departamento da Polícia de Trânsito, a 15 de janeiro de 1938” (Mattos, 1985, p. 114).

A sua atuação é comentada com as seguintes descrições:

“Permaneceu a maior parte de sua existência na polícia. Os métodos drásticos implantados no policiamento da Capital, quando esteve à frente da diretoria da Secretaria de Polícia, impuseram-lhe a fama de autoridade de pulso, enérgica, talhada a manter a ordem nos momentos conturbados da vida da Cidade. Daí a sua ascensão a chefe de polícia cujo epíteto foi trágico, nos últimos dias de efervescência do regime político que antecedeu a Revolução de 1930.

Contribuiu para as manifestações de desagravo sofridas pelo último Chefe de Polícia da primeira República (1889-1930), a sua conduta de temível policial, acusado de acabar passeatas estudantis utilizando a cavalaria da polícia, de dissolver reuniões de candomblés num clima de terror, seguido de prisões dos pais-de-santo.

Ainda perdura na memória do povo a presença de Pedro de Azevedo Gordilho, conhecido pela alcunha de Pedrito, autoridade que personifica o espírito de uma época da vida social e política de Salvador, na década de 20” (Mattos, 1985, pp. 114-5).

É curioso que a permanência no cargo de

delegado-auxiliar pela mencionada biografia restrinja-se a sete meses, e começa apenas em 1922. Nos artigos de jornais pesquisados, encontramos informações contraditórias, porque Pedro Gordilho já era 1º Delegado em 1920, sendo responsável pela já mencionada batida na casa de Procópio de Ogunjá (T.3 - 20/5/20). Seu nome aparece - com o título de 1º Delegado - em diversos artigos relacionados a batidas e inclusive a uma mudança da delegacia, com a justificativa de que ele precisaria de mais espaço para “se expandir à vontade” (T.4 - 3/2/21).

Temos o caso do “Capitão Bernardino” (T.35 e T.41 em 27/4/21), além de diversos outros casos do mesmo ano. Em 1923 e 1924, encontramos diversas vezes artigos que mencionam Pedro Gordilho como 1º delegado-auxiliar: 2/10/1923 (T.20), 16/1/1924 (T.14), e 14/4/1924 (“O que é a polícia baiana”), indicando Gordilho como delegado-auxiliar da 1ª Circunscrição, Chagas Filho da 2ª, e Benício da 3ª. Seguem-se notícias do mesmo teor nos dias 5/7/1924 (p. 2), 25/8/1924 (p. 2) e 17/6/1925 (p. 2 — todos em AT).

Só em 12/9/1925 (p. 2), encontramos uma indicação do seguinte teor: “o dr. Pedro Gordilho, diretor da Secretaria da Polícia...”, dando a impressão de que ele teria mudado de cargo, apesar de que esta notícia, novamente, não coincide com a biografia anteriormente citada.

A partir de 1926, já não se encontram informações que mencionem Pedrito como 1º delegado, nem envolvido em batidas contra o candomblé, nem em outras contra o jogo do bicho ou o baixo meretrício. Estas informações, portanto, parecem coincidir com a indicação de Jorge Amado no seu romance *Tenda dos Milagres*:

“De 1920 a 1926, enquanto durou o reinado do todo poderoso delegado auxiliar, os costumes de origem negra, sem exceção, das vendedoras de comida até os orixás, foram objeto de violência contínua e crescente. O delegado mantinha-se disposto a acabar com as tradições populares, a porrete e a facão, a bala se preciso” (Amado, 1969, p. 304).

Tentei esclarecer estas divergências, através de contatos e conversas com pessoas que chegaram a conhecer o 1º delegado como

profissional. Porém, infelizmente as pessoas, ou não se lembravam dos detalhes, ou então se recusavam a falar sobre Pedrito, devido a razões particulares.

Resumindo, pode-se dizer que os resultados da pesquisa nos jornais não coincidem com os dados indicados pela biografia citada. No entanto, apesar de todas as divergências, quase todas as fontes consultadas e as pessoas entrevistadas concordaram em dois pontos, sendo um positivo e outro negativo. Pedrito, de certa forma, cuidou da ordem da cidade, iniciando campanhas contra o baixo meretrício, acabando com os valentões e desordeiros, porém, na verdade, empregou métodos muito violentos, abordando não apenas quem supostamente merecia, como também muitos inocentes, até casais de namorados ou pessoas que andavam tarde da noite na rua, voltando, por exemplo, de festas de candomblé, como já foi relatado.

Existem diversas notícias que o mencionam envolvido em atos de violência. Encontramos um texto que relata uma discussão veemente entre o delegado e o diretor da penitenciária, responsabilizando o primeiro pela fuga de um preso, de nome Zigomar, e falando das suas omissões. No artigo, encontram-se descrições de sua personalidade e seu suposto estado psíquico, além de críticas à sua postura violenta, “desmandos e falta de compostura no cargo”, classificando-o como pessoa merecedora de “cuidados de um psiquiatra” (T.5 - 21/9/1922).

De fato, existem diversos artigos que relatam e denunciam os atos violentos de Pedro, como o seguinte, intitulado “Violência sobre violência. O 1º delegado atira e fere na cabeça” (8/1/1923 — ver também T.35).

Face a essas informações sobre a vida e atuação de Pedrito, só resta uma pergunta: como explicar a sua fama - apesar ou por causa das contradições? Se as fontes escritas já deixam margem a dúvida, mostrando contradições - ou talvez, melhor dizendo, falta de coincidências -, que se dirá das fontes orais, que florescem e enramam-se em torno de sua pessoa e sua vida? Como poderia ser explicada esta conduta do policial violento, perseguindo o candomblé, se ele, por outro lado, tinha um envolvimento pessoal com o candomblé? Ele teria tido um comportamento como pessoa particular, e um outro como profissional, no exercício de um cargo público? Teria sido

apenas um caso à parte, individual, ou encontram-se reações e comportamentos parecidos entre os seus sucessores? Teriam sido reações de intolerância ou vingança pessoal, ou teriam estes casos a sua explicação em estruturas da sociedade ao redor? Qual foi, na verdade, o relacionamento entre o mundo do candomblé e o da cultura e religião oficiais? E como encaixam-se os acontecimentos na história política da época?

A leitura dos artigos de jornal leva a uma leitura da sociedade da época, em redor dos fatos, e, dessa forma, possibilita a identificação dos motivos que podem explicar os acontecimentos.

A análise e a interpretação cuidadosa do espírito da época indicam pistas que ajudam a entender os processos de agressão e defesa, contra-ataques e acusações, e a escolha dos meios empregados.

Já foi retratado o caso de Pedrito, à parte, representando os anos de 1920 a 1926. A década seguinte, já sob a égide de outros delegados, não traz melhoras para o candomblé, mas nas fontes escritas encontram-se indicações valiosas sobre os possíveis ou prováveis motivos da perseguição até 1936. Tudo leva a crer que, por trás da força bruta da agressão, existem outros motivos, menos explícitos, que provocam respostas das mais diversas e que, finalmente, a partir de 1936, levam a uma lenta modificação da situação.

Os motivos e as argumentações serão analisados em seguida, com base em trechos significativos dos artigos pesquisados, que falam sobre o candomblé da época de 1920 a 1942, citados em anexo ao texto.

Lendo com atenção os artigos consultados, que retratam um período de mais de 20 anos, encontram-se diversas informações sobre os motivos que levaram à perseguição: um dos mais fortes, e talvez mais surpreendentes, é que “uma campanha cerrada da imprensa levou a polícia a perseguir os candomblés” porque “a polícia ignora e fecha os olhos propositadamente” (T.6 - 29/5/1923).

Insinua-se que a polícia não cumpre com o seu papel de manter a ordem pública, e cada vez que “desvia delle a sua mão repressora”, deixa o candomblé ressuscitar (T.7 - 12/11/1926). Quer dizer que, apesar da “guerra declarada ao candomblé” (T.8 - 14/1/1932), a

polícia “não pode ou não quis exterminar” o candomblé (T.9 - 2/7/1935), havendo novamente a insinuação de que ela o estivesse protegendo, o que é afirmado claramente na colocação de que o candomblé “é uma praga, gozando da mais larga e eficaz proteção da polícia” (T.44 - 2/8/1923).

Estes trechos citados nos dão a impressão de que se trata muito mais de uma campanha liderada e organizada pela imprensa do que propriamente pela polícia. Coube à imprensa - como representante da opinião de uma certa parte da sociedade soteropolitana - incentivar e criticar a polícia, quando esta cessava na sua ação e vigilância, e expressar sempre o seu desprezo pelo candomblé. Por outro lado, é surpreendente que a mesma imprensa, em outros momentos (em 1936 e 1937), tenha promovido campanhas de caráter quase exclusivamente positivo, em torno de um faquir que passou pela cidade, e de um “conhecido chiromante” que leu a mão de diversas pessoas da sociedade, “do nosso ‘set’ social” (TN. 3 - 27/4/1937), e até de um dos delegados — Hannequin Dantas —, mencionados na campanha contra o candomblé (7).

A justificativa para a necessidade da interferência da polícia - segundo a imprensa - se resume a alguns pontos: em primeiro lugar, há queixas da população contra o “barulho infernal dos atabaques”. Acontece, porém que, em quase todas as queixas com esse teor, acrescentam-se outros argumentos - certamente como reforço - muito pouco específicos e que, na verdade, nada têm a ver com o candomblé. Dizem que os “candomblezeiros” tomavam banho nus e xingavam (T.10 - 1/6/1932). Num outro artigo, a queixa refere-se a “gritos, discussões e lutas”, ouvidos pela vizinhança de um candomblé “infernal” (T.11 - 5/6/1935).

Existem outras queixas referentes a “ebós”, considerados algo inaceitável em termos de higiene e limpeza pública: “é porco e degradante” (T.12 - 10/11/1925). É, porém, bastante provável que o motivo verdadeiro seja menos a preocupação com a limpeza do que o medo do possível efeito do ebó. Que outra explicação - senão esta - haveria para o fato de se prender alguém que estava preparando e, em seguida, enterrando um ebó num terreno de sua propriedade? (T.13 - 18/11/1941).

Uma das acusações mais frequentes refere-se ao chamado “exercício ilegal de medi-

cina” e ao curandeirismo. O que se critica, na verdade, é o uso de folhas medicinais e seus diversos efeitos, que são aproveitados para fins também rituais. Estes conhecimentos, até hoje, fazem parte da sabedoria popular, e são de fato fundamentais para o candomblé, que vive numa relação muito íntima com as forças da natureza. Porém, na época aqui abordada, muitas pessoas foram enquadradas no código penal por atenderem “aos necessitados do corpo e da alma” num “grande consultório” (T.14 - 16/1/1924), e acusadas de infringirem o código sanitário (T.16 - 12/5/1931). Conseqüentemente, a Saúde Pública iniciou o “combate aos eternos exploradores da boa fé pública” e “a perigosa estirpe dos curandeiros, cartomantes e adivinhos” (T.15 - 17/5/1930). Segundo um outro artigo, havia tantas pessoas agindo nessa área, que faziam “concorrência séria aos verdadeiros médicos” (T.17 - 18/1/1941), revelando-se, com esse argumento, o verdadeiro motivo: medo, pelo fato de, na verdade, reconhecer-se a eficácia das folhas.

E, finalmente, acusa-se o candomblé de manter pessoas, inclusive menores, presas (T.18 - 4/10/1921), de “seqüestrá-las” (T.22 - 14/1/1937), até de “torturá-las, a título de tratamento” (T.19 - 29/5/1923) e “curar através de bruxaria” (T.20 - 2/10/1923) e de “perverter mulheres e crianças” (T.21 - 20/8/1928). Tenta-se, através de tais acusações, submeter o candomblé à aplicação de algum parágrafo do código penal, já que, em princípio - pelo menos teoricamente -, existia a liberdade de religião (8).

Visando coibir estes “abusos”, a polícia efetuou diversas diligências, realizadas graças às indicações de moradores que prestaram queixa, ou familiares que se mostraram inconformados com a reclusão de algum parente. Parece que, em alguns casos, as futuras iaôs haviam sido recolhidas para “fazer o santo” com o consentimento de apenas uma parte da família, enquanto os demais parentes não aceitavam o fato, partindo para a denúncia (T.23 - 3/10/1922). Ocorreram também “batidas” gerais, nas quais a polícia montada passava por diversos bairros, à procura de candomblés, deixando-se guiar pelo som dos atabaques, muitas vezes perdendo-se no mato durante horas, devido ao difícil acesso de muitos candomblés (T.24 - 12/11/1926). Organizavam-se as chamadas “caravanas”, para dar “um

cercos” aos candomblés, às vezes sob a alegação de que estes estavam tocando “sem licença policial” (T.25 - 31/5/1937).

Chegando a polícia aos candomblés, quase sempre dava voz de prisão, levando muitas pessoas para a delegacia, onde passavam uma noite para depois serem liberadas, já que raramente se dispunha de motivos que justificassem a prisão. Surpreende o grande número de pessoas mencionadas: “cerca de 30 pessoas foram conduzidas para a 1ª delegacia” (T.26 - 20/5/1920); “muitas dezenas de adeptos e assistentes” (T.27 - 24/4/1922); “15 pessoas que foram transportadas para a estação de Ondina” (T.28 - 3/10/1922); “seguindo 21 pessoas” (T.29 - 18/1/1941). Isso leva a crer que deve ter sido sempre uma boa parte dos presentes, salvo os que conseguiam fugir antes. Por outro lado, fica difícil imaginar como teria se processado este transporte, já que a própria polícia andava a cavalo. Provavelmente, as pessoas seguiam a pé ou de carroça.

Os objetos de culto apreendidos eram ou destruídos, ou levados ao Instituto Geográfico e Histórico, recebendo denominações bastante pejorativas e desrespeitosas: “os exquisites objetos vão ser enviados para o Instituto Geográfico e Histórico” (T.30 - 20/5/1920); “o Instituto ganha a sua parte: - as bugingangas e os troços” (T.31 - 12/11/1936). Encontram-se, ainda, expressões como “arsenal de feitiçaria” (T.26) e “apetrechos bélicos” (T.28).

Mas nem se precisava “bater uma festa” para ser abordado pelo órgão da ordem pública: existem casos curiosos (9), como aquele em que um grupo de iaôs, após uma visita à Igreja de Santo Antonio da Barra, foi levado ao xadrez (T.34 - 17/9/1941), ou um outro em que dois homens, ao matar um galo, supostamente para uma cerimônia de candomblé, foram presos (T.32 - 2/8/1933). Encontramos, também, a descrição de uma mãe-de-santo que, aparentemente “de erê”, sapateando e apedrejando as casas, perturbou a ordem pública e foi intimada (T.33 - 5/6/1935).

Seja como for, efetuadas as prisões no curso de uma festa ou na rua, a ação da polícia significava uma interferência e um desrespeito muito grandes, que às vezes foi aumentado, ainda, pela violência usada pelos policiais, de que é exemplo uma ação de Pedrito, descrita nos jornais, o qual, acompanhado de um cabo de pistola em punho, invadiu um

local de culto, mandando espancar barbaramente todos os presentes, e ameaçou, se o culto continuasse, exterminá-lo “a chicote e a pata de cavalo” (T.35 - 27/4/1921).

As reações dos candomblés a tais demonstrações de desrespeito e violência - que, apesar de tudo, não eram capazes de destruí-los, fato reconhecido pelos próprios jornais, que comparavam o candomblé “àqueles bonecos teimosos que nunca ficam deitados” (ver T.7) - foram das mais diversas, algumas mais visíveis e ostensivas, outras mais sutis. Algumas casas tentavam desviar a atenção da ordem pública, alegando que ali eram cultuados apenas São Cosme e São Damião, quer dizer, dois santos católicos (T.36 - 24/4/1922). Outros tiveram o máximo de cautela, procurando não chamar a atenção com nada, escondendo os pejis e os objetos de culto (T.40 - 19/4/1932), só tocando de madrugada, depois da meia-noite, num horário em que as “caravanas” policiais supostamente já tivessem passado (T.39 - 2/3/1935), outros fecharam a casa, para depois reabri-la, ou na periferia (T.38 - 2/10/1923), ou como centro espírita, dotado de estatutos, etc., de modo a serem cobertos pelo “paragrapho constitucional que assegura o livre exercício de todas as religiões” (T.37 - 29/5/1923). Seja qual for a decisão tomada, os adeptos do candomblé enfrentaram todas as dificuldades para continuar a praticar a sua religião, como a própria imprensa reconhece (ver T.9).

Líderes de outras casas já optaram pelo caminho oposto: o de chamar publicamente a atenção do poder, na hora de serem abordados, declarando que sua religião não era nem mais nem menos do que qualquer outra, pedindo saúde e felicidade, como faziam a religião católica, os espíritas, o positivismo, etc., (T.42 - 1/6/1932), chegando, em alguns casos, até a pedir *habeas-corpus*, referindo-se à liberdade de culto religioso garantida pela Constituição (§§ 3º e 22 do art. 72, T.41 - 27/4/1921 - ver nota 7). Estes poucos corajosos, no entanto, não tiveram êxito - certamente menos por questões jurídicas do que por outras razões.

Fora dessas reações do candomblé depois de ter sofrido alguma agressão por parte da polícia, aparecem outros aspectos, nos artigos consultados, que indicam uma certa ajuda recebida antes de ocorrer qualquer incidente. É difícil dizer se se trata de alguma



forma intencional de defesa por parte dos candomblés, ou se são ligações que se estabeleceram naturalmente, por interesse e simpatia dos dois lados envolvidos: falamos de um dos “aliados” mais fortes do candomblé, a própria polícia, ou melhor, membros dela.

Esse aspecto - segundo me consta - nunca foi abordado, mas aparece com tanta frequência nos jornais, que parece ter sido um dos elementos-chave para que o candomblé pudesse manter a sua integridade. Os policiais estavam entre os freqüentadores (público), alguns tinham cargo de ogã, ou algum outro cargo de confiança, se não eram “feitos”, ou talvez fossem maridos, irmãos ou, enfim, parentes de filhas-de-santo. Os jornais, muitas vezes, fazem alusões à cobertura que o candomblé recebe da polícia (T.44 - 2/8/1923), e censuram a falta de consequência e coerência nas campanhas contra o candomblé.

Há o caso do inspetor de um quarteirão que, ao mesmo tempo, era “ogan”, e, na hora da batida no candomblé, tentou frustrar a ação da polícia (T.43 - 24/4/1922). Numa outra matéria, que traz uma entrevista feita por repórteres de *A Tarde* com um pai-de-santo detido, este diz, risonho, que uma boa parte dos freqüentadores de seu terreiro são “soldados de polícia, que caem no santo” e “gente de automóvel”, pessoas que, na época, deviam pertencer à nata da sociedade soteropolitana (T.45 - 12/11/1926). Há também o caso de um capitão da Força Pública que se responsabilizava pela atitude não perturbadora dos candomblés, pelo fato de ele mesmo pertencer a uma casa - o que foi descoberto numa batida, justamente em sua casa (T.46 - 5/12/1930). Numa outra matéria, relata-se como o 1º suplente de um comissário sempre avisava aos candomblés, com antecedência, quando ia haver uma batida num certo distrito - até que foi descoberta essa atitude desmoralizadora para a imagem da polícia (T.47 - 13/2/1936). Existiam também investigadores que eram filhos-de-santo e que, graças à sua posição, conseguiam proteger suas casas (T.48 - 19/2/1941).

Na verdade, não é de admirar a quantidade de policiais envolvidos com o candomblé, porque, afinal de contas, a grande maioria deles provém da mesma classe social que os adeptos do candomblé, morando nos mesmos bairros e, em grande parte, sendo negros também (10).

Os policiais no cume da hierarquia, os delegados, subdelegados, etc. - oriundos, inclusive, de uma outra classe social -, por sua vez, já encaravam o candomblé como uma possibilidade de se promoverem e ganharem publicidade entre a elite. Parece que, periodicamente, cada novo delegado, assumindo o cargo, começava novamente uma onda de perseguição (T.50 - 13/8/1931). Em consequência disso, até a própria polícia ou outras autoridades receberam ebós, tanto o promotor público (T.51 - 18/11/1931), quanto o subcomissário do Rio Vermelho (T.52 - 23/3/1936), como também uma pessoa do palácio Rio Branco. Este último episódio é descrito com bastante humor. Relata como uma moça, trajada com elegância, deixara tranquilamente um pacote, embrulhado com bom gosto, na porta do palácio. Quando os transeuntes abriram o objeto, supostamente caído sem querer, descobriram “um autêntico feitico” (T.49 - 23/10/1926).

O envolvimento direto de policiais com o candomblé e o, digamos, envolvimento indireto de pessoas em altos cargos públicos, obviamente contra a sua vontade, como nos casos citados, levam a um outro aspecto de interpretação que é altamente interessante. No exemplo do delegado Pedrito, já ficou mais que claro que, muitas vezes, é difícil, ou até impossível separar, nas histórias e versões diferentes, o lendário e fictício do real e factual. Mas, sendo como for, o resultado dos dois extremos é quase o mesmo: tanto o fuxico (que muitas vezes tem um fundo de verdade) quanto o fato verdadeiro podem dar prestígio. Para usar um termo de Costa Lima, podemos até falar de uma “ideologia do prestígio” (1987, p.153). O prestígio - envolvendo pessoas de destaque - era cobiçado pelos candomblés porque garantia uma certa segurança. Estas pessoas seriam tanto políticos como pessoas do poder ou da sociedade. Encontramos diversas histórias envolvendo o então governador Juracy Magalhães com o pai-de-santo Bernardino do Bate-Folha. Parecem ser variações do mesmo acontecimento, que retrata o contato amigável dos dois (Freitas O. e C. Lima, 1987, p. 153, e informações pessoais).

A simpatia que Juracy Magalhães sentia pelo candomblé criou, provavelmente, um clima mais favorável durante o seu período

de governo (1934-37, antes de 1934 como interventor), e certamente ajudou a Bernardino. Outras informações já envolvem Mãe Aninha do Afonjá com Osvaldo Aranha, chefe da Casa Civil do presidente Vargas, o próprio Vargas e outros ministros e diplomatas (Freitas O. e C. Lima, 1987, p. 61; Barbosa, 1984, p. 70). Do Gantois, por sua vez, sabemos que tinha diversos ogãs que eram médicos de renome, da Faculdade de Medicina, entre eles Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Hosannah de Oliveira (Lima, 1980, p. 7 e Ramos, 1940, p. 70).

Esses contatos entre as pessoas da sociedade e do candomblé explicam-se pela fama e o carisma que certos pais e mães-de-santo possuíam, sendo procurados, ou por necessidade, para resolver problemas espirituais, de saúde ou de outras naturezas, ou até para fazer pesquisa, como no caso dos médicos mencionados. Um carisma fora do comum talvez possa explicar por que, como declarou Mãe Menininha numa entrevista (*Desfile*, 1974), nem o Gantois, nem o Engenho Velho (a Casa Branca), e tampouco o São Gonçalo (o Afonjá) teriam sido incomodados pela polícia, nem por Pedrito, nem por algum outro delegado. O prestígio do qual gozavam - e gozam até hoje - era grande demais, devido ao carisma das mães-de-santo, para que alguém se atrevesse a não respeitá-los.

De fato, nos jornais da época pesquisada, não se encontrou nenhuma indicação a respeito de um confronto entre a polícia e alguma dessas três casas. São outros os nomes que aparecem durante essas duas décadas, na sua maioria, aparentemente, casas menores; ainda assim, aparecem notícias sobre Procópio (20, 22 e 29/5/1920), a Casa de Oxumaré (3/10/1922), Jubiabá (4 e 7/10/1921 e 12/5/1931), Silvana (4 e 8/10/1921), Bernardino do Bate-Folha (2/3/1925), Vidal (26/8/1931), Miúda (14/1/1932 e 7/10/1936), Eduardo Daniel de Paula (21/6/1940) e Rufino (18 e 19/1/1941) (ver nota 3).

Mesmo assim, e apesar das declarações em contrário de Mãe Menininha, existe na transmissão oral do Afonjá um relato a respeito de uma “batida”, por conta de Pedrito, ainda no tempo de Vovó Aninha, embora referindo-se a uma data anterior ao ano de 1920, em que Pedrito, supostamente, teria iniciado sua carreira como 1º delegado-auxiliar:

“Vinte e nove de junho de 1912... Começou a festa. Horas tantas, o homenageado principal já chegara - ouviu-se um tropel de cavalos; era a polícia que, a mando do ‘Homem’, vinha acabar com aquela manifestação de negros, ‘coisa de gente ignorante, primitiva...’

Xangô dançava tranquilamente.

No melhor da dança, determinou a um Ogã que lhe trouxesse três rolos de linha: uma preta, uma vermelha e uma branca. Entoando cantigas, desenrolou os novelos, um a um.

O barulho das patas dos animais estava mais e mais perto: sentia-se o cheiro de cavalos. Filhas de santo entravam em pânico, pensando no pior: surra dos policiais, atabaques furados, saias rasgadas. Aconteceu o encanto; os soldados se embrenharam mato adentro e ‘nada de conseguirem achar o barracão do candomblé’; continuou a festança, com atabaques e fogos, comidas, bastante aruá e muita alegria” (Azevedo e Martins, 1988, pp. 23-4).

Ao contrário de muitos relatos que se referem às agressões já consumadas (conforme as notícias de jornal), nesta história e em muitas outras parecidas, o vencedor é sempre o candomblé, que consegue despistar, enganar e enrolar (no sentido real da palavra, no caso relatado do Afonjá). A polícia não consegue encontrar as casas e se perde nos matos, devido à difícil localização da maioria delas.

Ainda existem outras histórias, contadas normalmente por pessoas ligadas ao candomblé, que relatam como os investigadores da polícia, à paisana, aparecem na vizinhança dos candomblés, querendo localizá-los para futuras diligências noturnas. Há relatos de encontros com a cavalaria da polícia na rua, à procura dos candomblés, abordando transeuntes, às vezes até vindos de uma festa de candomblé. Em todas estas histórias, as pessoas de candomblé jamais deram informações ao órgão da ordem pública, que pudessem prejudicá-lo. Em todas, o candomblé é o mais poderoso, a sua forma de defesa mais eficaz, e os seus adeptos mais inteligentes.

O conceito do prestígio talvez possa ajudar na compreensão deste tipo de relato e de outras formas verbais: enquanto a polícia, em

nome de um certo segmento da sociedade, partia para a agressão, e os jornais empregavam um discurso partidário e ideológico contra o candomblé, este simplesmente desmontava tanto o discurso quanto o ataque, através da transformação verbal do agressor de prestígio em membro do grupo, adquirindo por extensão, dessa forma, seu prestígio. O emprego da palavra, da fala, para esta finalidade, talvez possa ser comparado a um traço muito comum no candomblé e na cultura iorubá: o uso da força da fala, proferindo palavras com uma certa intenção.

Um dos casos mais expressivos deste mecanismo é a versão já citada, em que o próprio Pedrito teria “dado santo”: quer dizer, ele é combatido exatamente através da força que ele tenta negar e não reconhece.

O mais interessante é que, na verdade, nem importa se o fato contado é verídico ou não, apenas o poder da fala, por si só, já reforça bastante a auto-estima das pessoas e a identidade do candomblé como grupo cultural. Mesmo assim, existem casos reais, em que as histórias faladas baseiam-se em casos verídicos, envolvendo pessoas de prestígio que, dessa forma, alimentam mais ainda a força do candomblé.

As ligações entre os dois mundos - o do candomblé e o da sociedade - persistem até hoje, e têm até aumentado consideravelmente. Esse fato deve-se, certamente, a um interesse crescente da sociedade branca, alimentado por uma certa busca espiritual, curiosidade e até modismo. Do lado do candomblé, explica-se por questões econômicas, porque este consegue manter sua independência e seu funcionamento graças às contribuições dos membros da sociedade baiana, que têm cargos de honra. Em outras palavras: o prestígio, que antigamente significava certa segurança (frente à possível interferência da polícia), transformou-se, hoje em dia, em prestígio que assegura a independência econômica (11).

Não podemos esquecer, entretanto que, além dessas ligações mais ostensivas, e de certa forma oficiais, entre as pessoas do candomblé e as pessoas do poder, também existem inúmeros casos de relações mais emocionais, de amasiamento e convivência. Certamente, não contavam sempre com um reconhecimento social, porém eram casos de reconhecimento público, que serviam da mesma forma para elevar o prestígio.

Menções a estas relações amorosas encontram-se na transmissão oral, mas elas também foram constatadas por Pierson e outros pesquisadores - fato que provocou, por exemplo, a crítica e a incompreensão do autor da resenha do livro de Pierson, que fala de membros das classes mais cultas influenciados pelo “fetichismo selvagem”, referindo-se ao caso de uma filha-de-santo que está vivendo com um homem formado pela Faculdade de Medicina (12).

A colocação referente ao envolvimento de pessoas da sociedade nos meios do candomblé e, conseqüentemente, uma certa aproximação dessas duas culturas levam-nos finalmente aos (pre-)conceitos que muitas pessoas tinham, não somente a respeito do candomblé, como da cultura afro-baiana em geral, incluindo a capoeira e a medicina popular. Consideravam-na atrasada, contra a civilização e incompatível com o progresso. Diversos artigos de jornal dão indicações sobre esta linha de pensamento, o que nos faz considerá-los como ponto-chave do porquê da campanha contra o candomblé.

Um artigo, que nem está diretamente ligado ao candomblé, mostra, de modo bem claro, essa posição. O texto, depois de falar sobre diversos aspectos do século XIX, menciona inovações tecnológicas introduzidas na Bahia - como o primeiro cinema, na Carlos Gomes, o surgimento do fonógrafo, a iluminação das ruas e, finalmente, a luz elétrica. Prossegue no elogio aos avanços tecnológicos da cidade, como os primeiros bondes elétricos, os primeiros carros, ruas asfaltadas, etc. Só que, segundo o autor do artigo, apesar de todo o progresso já alcançado, existem pessoas que fazem questão de manter tradições primitivas e “costumes do passado” (13), como os empregados da Linha Circular do Elevador Lacerda. Segue-se uma descrição do samba realizado diariamente em frente ao Elevador, opondo-se à vida de “gente civilizada, distinta e culta” (T.53 - 24/8/1929).

Da mesma forma, o candomblé é considerado uma “triste reminiscência do africanismo” em tempos modernos (T.54 - 20/8/1928) ou, como se lê em outro artigo, “em pleno século do rádio e do cinema falado”, conservam-se traços de coisas antigas (T.55 - 30/4/1931) na “cidade que Deus esqueceu”, com aspectos que “depõem contra

os nossos foros de civilização”, entre outros, o candomblé (T.56 - 9/12/1935).

A discussão desses conceitos é retomada, poucos anos depois, por Pedro Calmon e José Lins do Rêgo. O primeiro posiciona-se contra o samba, ou melhor, o “batuque e onomatopeia que lembram ao luar da fazenda o perfil sombrio da senzala”, enquanto que o segundo defende o samba - como expressão da cultura popular e nacional, mais forte que as tentativas de impor estilos de outros países (T.57 - 8/7/1939). Porém Pedro Calmon fica mais explícito e diz que é contra a divulgação do samba “lá fora, onde mal sabem quem nós somos”, porque o Brasil “é diferente do quadro e do pessoal que a macumba exhibe”, e chegou a ser “um povo de culta e ambiciosa civilização”. Ele esclarece ainda que a “arte brasileira” não é “arte africana”, quer dizer, a verdadeira arte brasileira nada tem a ver com aquilo que o povo faz (T.58 - 15/7/1939).

O mesmo tipo de argumento aparece em artigos contra o candomblé, e leva, mais tarde, a uma discussão veemente entre os dois autores, em torno da questão da definição da cultura. Com esta polêmica, aprendemos duas coisas: temos que ver a campanha contra o candomblé num contexto maior, o da cultura afro-brasileira, e até o da cultura brasileira de uma forma geral, porque esta é uma época em que se começa a discutir a cultura nacional, à procura de alguma definição. Por outro lado, trava-se uma discussão em torno da questão da cultura ligada à questão da raça, ou seja, à suposta divisão, defendida por alguns autores, entre raças superiores e inferiores.

É exatamente nos anos 20 e 30 que vigora e começa a culminar uma linha ideológica - na verdade já existente em publicações de diversos autores baianos - baseada na suposta diferença entre as raças e, conseqüentemente, na sua influência sobre o chamado avanço e atraso cultural.

Uma boa parte da obra científica dos médicos baianos - os quais, sem dúvida, foram os primeiros a se empenhar numa pesquisa das culturas africanas na Bahia e a reconhecer a existência da cultura negra - não deixa de considerá-la de nível inferior, devido à sua origem na raça negra. Entre os seguidores deste pensamento, encontramos Nina Rodrigues:

“Influenciado, também ele, pelas idéias

que predominavam nos centros acadêmicos da Europa, seus trabalhos foram, por isto, altamente comprometidos por uma atitude racista que o levava a ver o negro como representante de uma raça inferior. No entanto, era esse o pensamento que dominava, durante a sua época, entre os cientistas mais conceituados do mundo ocidental” (Freitas, 1976, p. 111)

Podemos ir até mais longe, e ver este tipo de pensamento no contexto das teorias racistas vigentes na época (14):

“Influenciados pelas teorias recém-traduzidas de Madison Grant, Gobineau e outros darwinistas sociais, certos baianos brancos de muita influência condenaram o que chamaram de miscigenação do seu país e da nacionalidade brasileira por brasileiros não brancos e seus costumes e tradições demasiadamente africanos, tão bem exemplificados pelo candomblé” (Turner, 1976, p. 62)

Infelizmente, não podemos entrar em detalhes na discussão dos argumentos apontados nos últimos trechos citados, o que nos levaria longe demais. São os mais diversos elementos que alimentam as discussões em torno de acontecimentos nacionais e internacionais, em primeiro lugar, certamente, os acontecimentos políticos, que levam à eclosão do fascismo, ou, pelo menos, de movimentos fascistóides nos mais diversos países, baseando-se em teorias racistas e movimentos nacionalistas. No Brasil, em particular, podemos observar uma discussão do caráter nacional brasileiro e tentativas de definição da língua nacional - divergindo do português de Portugal - e da literatura e arte brasileira de uma forma geral, como conseqüência da Semana de Arte Moderna em 1922 (15).

Não é de admirar que os diversos elementos dos fatos apontados acima influenciem e até dominem o jornalismo baiano — coincidindo com a opinião de muitas pessoas —, marcando a linguagem e o estilo de uma época, e chegando a uma descrição completamente negativa da cultura negra.

Porém, apesar de todas as discussões veementes a respeito da natureza da cultura brasileira e da baiana, em especial — na sua

grande maioria, contra a cultura e a religião de origem africana —, pode-se constatar uma lenta mas sensível mudança na forma de encarar a cultura negra, a partir de 1936-37. Essa mudança deve-se, em primeiro lugar, ao desempenho do escritor Edison Carneiro, que começa a colaborar com o *Estado da Bahia*, escrevendo uma série de artigos sobre o candomblé e a favor dele — também para preparar o 2º Congresso Afro-Brasileiro, finalmente realizado em janeiro de 1937.

O trabalho preparatório e, digamos, até educativo, inclui, além de artigos informativos, entrevistas com pais-de-santo e suas expectativas em relação ao Congresso (16). Pouco antes da realização do mesmo, houve uma transmissão radiofônica com música de candomblé ao vivo, cantada pelo pai-de-santo Joãozinho da Goméia e suas filhas-de-santo. A rádio responsável foi a Comercial PRF 8, que anunciou o acontecimento como “programa tipicamente africano regional, levando ao estúdio uma legítima orquestra negra” (T.59 - 12/12/1936). Um segundo artigo, após a realização do evento, fala do grande sucesso da transmissão (T.60 - 17/12/1936), que certamente constituiu uma inovação na programação da época.

Segundo nossas informações, essa apresentação realizou-se no teatro Jandaia, com platéia, inclusive com ingresso pago. Esse acontecimento, completamente novo, deve ser visto como uma tentativa de Edison Carneiro em diminuir a distância existente entre as pessoas ligadas ao candomblé e certos segmentos da sociedade baiana (17).

A programação do Congresso, com as suas visitas aos mais diversos candomblés, certamente faz parte dessa linha de ação (18). A Comissão Executiva do Congresso, da qual Edison Carneiro fazia parte, pretendia mostrar o candomblé no seu próprio hábitat, nos terreiros distantes do centro, em vez de chamar pessoas de candomblé para se apresentarem no palco de um teatro, como tinha ocorrido durante a realização do 1º Congresso Afro-Brasileiro em 1934, no Recife.

Certamente, foram também eventos, posturas e artigos como esses que alimentaram a já mencionada discussão entre Pedro Calmon e José Lins do Rêgo.

No mesmo ano de 1937, encontramos pela primeira vez convites para festas de candomblé, fato inédito até então, provavelmente de

autoria de Edison Carneiro, ou escritos a pedido dele.

Um artigo refere-se a uma festa em homenagem ao 2º Congresso, realizada no Alakêtu, no Matatu. Esse terreiro não tinha participado do Congresso e, nessa altura, chamou os membros da Comissão Executiva (T.61 - 24/5/1937). Um outro convida para as festas de Oxóssi, no Gantois e Engenho Velho, no dia de Corpus Christi (T.62 - 26/5/1937).

Mesmo que continuem aparecendo diversos artigos contra o candomblé, encontramos notícias favoráveis a ele, ou à cultura afro-baiana, iniciando um lento processo de reconhecimento.

Em 1938, foi publicada uma longa reportagem sobre a morte de Aninha, em grande parte reproduzida por Pierson (1971, pp. 340-1), com o título “Era a mais popular ‘mae de santo’ da Bahia” (EB, 5/1/1938, p. 5), e que fala de todas as suas qualidades e de sua importância. De 1939, há duas notícias, com o seguinte teor: “3000 acarajés feitos na Bahia que seguirão para o Rio” (EB, 9/8/1939, p. 1), servidos como a grande atração numa festa grã-fina no Rio de Janeiro. A outra é a reseña de um livro de cozinha baiana “controlado por famosas quituteiras” (EB, 28/8/1939). Mesmo tendo um fundo que pode ser chamado de folclórico, essas referências não deixam de expressar um certo orgulho pela cultura baiana - que, pelo menos nestes momentos, lembra-se das suas raízes africanas.

Em 1940, encontramos uma contribuição muito interessante, que expressa, de uma forma bastante empolgada, a sua admiração pela cultura e religião de origem africana. Refere-se, sem dúvida, a uma cerimônia no Axé Opô Afonjá, porque descreve os doze mogba, seis da direita e seis da esquerda, com as suas respectivas funções. Este posto foi criado no Afonjá e praticamente só existe neste terreiro. O autor paulista tenta transmitir alguns dos princípios do candomblé, um pouco de sua filosofia, apesar de utilizar uma ortografia própria para os termos em iorubá (T.63 - 5/10/1940).

Dos diversos outros exemplos, citamos aqui a notícia referente à pesquisa do antropólogo americano Melville Herskovits, que chegou à Bahia no final de 1941 - certamente dentro do programa do chamado “intercâmbio cultural”, criado pelos Estados Unidos - para ficar até meados de 1942, com o objetivo

de realizar as primeiras gravações de músicas de candomblé. O artigo, intitulado “Serão ouvidos em Washington as melopéias dos candomblés negros da Bahia”, utiliza esse termo, bastante interessante - “melopéia”, em princípio uma melodia monótona, repetitiva. Porém, da forma com que se coloca o termo, sente-se algo como surpresa, talvez até orgulho, em saber que as melodias do candomblé serão ouvidas em Washington, graças às gravações planejadas por Herskovits, as quais, depois, serão incluídas no acervo da Biblioteca do Congresso, na capital americana (T.64 - 27/11/1941).

Por último, deve ser mencionado um artigo de quase uma página, com o título “As vestimentas das Mulatas e creolas baianas - a penca e o barangandan” (AT, 31/1/1942, p. 9), que, apesar do seu título ligeiramente folclórico (sob o nosso ponto de vista, hoje em dia), traz muitas informações sobre os mais diversos aspectos da indumentária das filhas-de-santo, explica o uso e a origem de certos instrumentos como o “adjá”, e o significado de alguns animais, de ferramentas e símbolos pertencentes aos orixás (19).

Em vista dos últimos textos analisados, podemos dizer - sem exagerar - que, à medida que aumentam as reportagens favoráveis, diminuem as matérias contra ele, embora estas não desapareçam completamente. Mesmo assim, este novo estilo de escrever, incluindo matérias favoráveis ao candomblé, abre caminho para um lento processo de reconhecimento do mesmo, que se inicia no final dos anos 30.

Fazendo uma avaliação final do material consultado, chegamos a algumas conclusões. Apesar de seu posicionamento pouco favorável e do seu tom de desprezo, os diversos artigos e notas que citamos não deixam de fornecer informações muito valiosas. Vale a pena lembrar como surgiram essas matérias: não se trata - com exceção de um caso (ver nota 23) - de reportagem *in loco*, em que um repórter teria acompanhado a diligência e viu pessoalmente os acontecimentos e o momento da chegada dos policiais. Ao contrário, tudo indica que se trata de um tipo de matéria que aborda o que se chamava de “corrida de distrito”, significando que o repórter se informava na própria delegacia sobre os fatos ocorridos no dia ou na noite anterior, incluindo

assassinatos, brigas, assaltos, acidentes e as batidas contra o jogo do bicho e o candomblé. Essa circunstância explica também por que a grande maioria das “reportagens” se encontra no meio das notícias policiais. No caso das matérias sobre o candomblé, o jornalista fazia acompanhar artigo, eventualmente, de uma foto das pessoas presas e das peças apreendidas, temporariamente guardadas na própria delegacia. Certamente, as descrições do ocorrido baseavam-se, na maioria das vezes, nas descrições dos policiais que tinham participado da “batida”, ou em algum documento fornecido pela própria polícia. Dificilmente devem ter entrado depoimentos dos adeptos dos candomblés - a não ser nos casos mencionados (T. 1, 41 e 42), em que alguns pais-de-santo “ousaram” declarar que só seguiam a religião de seus antepassados, uma religião cujo exercício era garantido pela própria Constituição (ver nota 8).

Quer dizer: podemos considerar como verídicas as batidas em si, porém desconsiderando, por outro lado, as bizarras e fantasiosas descrições dos jornais. Informações que não sejam resultado da visão dos policiais envolvidos, influenciados pelas teorias racistas vigentes, só conseguimos através de algumas pessoas que, por acaso, se lembraram. Mesmo assim, apesar da visão unilateral inicial, observamos uma lenta mudança na forma dos textos, e podemos ter alguma idéia da reação do candomblé — que tentou contornar a situação para algo mais favorável. O meio para tal foi uma intensificação da rede de ligações e contatos pessoais com outros grupos da população, incluindo a própria polícia e pessoas do poder, que, através do prestígio, ofereceram tanto segurança quanto apoio e ajuda financeira. Podemos comparar esse procedimento com o apadrinhamento, fato tão comum no Brasil. Desta forma, o candomblé teria se ajustado à realidade brasileira, para ter mais flexibilidade e força. Afinal de contas, o candomblé existe até hoje - apesar de toda a violência empregada, que não foi capaz de atingi-lo, e muito menos de extingui-lo. Mesmo modificado - em certos aspectos (20) - cresceu, devido à sua postura inteligente de fazer aliados entre os membros da classe que, a princípio, não o aceitava.

O fato de, hoje em dia, existir um número bem maior de brancos entre os adeptos e

frequêntadores do candomblé do que há cinquenta anos talvez se possa explicar pelo fato de o candomblé ter oferecido algo que, devido a certos aspectos religiosos e estéticos, atraiu também pessoas de outros grupos sociais.

A expansão do candomblé faz parte de um processo de descoberta da múltipla base cultural e religiosa que existe no Brasil, e que constitui a sua riqueza. Não foi, certamente, por acaso que justamente a cultura negra tornou-se um dos elementos mais fortes e atraentes para tantas pessoas, também de outras culturas (21).

Isto se deve ao carisma de diversas mães-de-santo (e alguns pais-de-santo), e ao fato de o candomblé oferecer algo que satisfaz à busca espiritual de muitas pessoas expostas às pressões e tensões da vida moderna, contrabalançando um racionalismo e um materialismo que às vezes tornam-se insuportáveis.

Podemos até dizer que, na verdade, todos os textos e artigos recolhidos, referentes às “batidas” nos candomblés, são muito mais do que informações a respeito da chamada perseguição policial: são dados que nos informam sobre aspectos da cultura baiana que se tornaram tão importantes - apesar de todo o desprezo articulado naquela época -, hoje ocupando um lugar de destaque na cultura brasileira.

Através de uma breve leitura dos acontecimentos gerais da época pesquisada, entendemos que o candomblé era, de certa forma, o “bode expiatório” para um pensamento demasiadamente influenciado por teorias evolucionistas, em moda na Europa e divulgadas no Brasil pelas traduções das principais publicações. Teorias que formaram uma vertente de pensamento que não queria reconhecer o valor da cultura negra e pretendia extingui-la.

Na verdade, todas essas teorias racistas, vigentes nos anos 20 e 30 — apoiadas por campanhas de imprensa — foram desfeitas pela própria realidade de vida em Salvador, onde persistem — apesar de todos os preconceitos que existiram e continuam existindo — mil ligações não sancionadas, que vão do contato amigável, amasiamento e convívio, até a afiliação ao candomblé, que mostram, afinal, a grande força da cultura e religião negra, que acabaram cativando pessoas de todas as raças e níveis sociais.

## TRANSCRIÇÕES DAS NOTÍCIAS DE JORNAL

É importante ressaltar que, dos textos citados a seguir, nem todos estão completos. De uma boa parte das matérias jornalísticas pesquisadas, foram extraídos os trechos mais significativos e ilustrativos, com a finalidade de pôr em evidência certos aspectos e argumentações analisados em nosso texto.

T.1 - “*Ogunjá em juízo.*”

*Procópio requereu ‘habeas-corporus’.*

Conforme devem estar lembrados os leitores a A TARDE noticiou pormenorizadamente com clichês, o dr. Pedro Gordilho deu uma batida em regra pelo Matatú Grande acabando com o celebre candomblé do Procópio.

Pois bem, o pae de santo, não se deu por achado, foi a um advogado e achou de requerer um habeas corpus ao juiz dr. Alvaro Pedreira.

Neste ‘habeas corpus’ como é fácil de prever foi allegando entre outras cousas que Procópio com seu pessoal se achava em pratica de um culto legítimo herança tradicional de seus avós africanos, sem o menor incommodo para os vizinhos o que portanto é garantido pela Constituição etc.

O dr. Pedreira enviou o ‘habeas corpus’ ao dr. Gordilho para informar” (AT, 29/5/1920, p. 2).

T.2 - “*O 1º delegado auxiliar continua.*”

O sr. dr. Pedro de Azevedo Gordilho, 1º delegado auxiliar pediu hontem a sua demissão deste cargo ao desembargador Antonio Seabra, secretario de Segurança Publica, que lha recusou aludindo ao seu zelo nesta comissão.

O dr. Pedro de Azevedo Gordilho não insistiu, retirando o pedido de demissão” (AT, 26/8/1920).

T.3 - “Pela madrugada de hontem, o dr. Pedro Gordilho, 1º delegado auxiliar, deu em cerco ao candomblé de Procópio, á Matta Escura” (AT, 20/5/1920, p.2 (ver T.1).

T.4 - “Não há espaço ali para o dr. Pedro Gordilho, o esforçado delegado, se expandir á vontade” (AT, 3/2/1921, p. 2.).

T.5 - “*Os itens da connivencia do delegado Gordilho.*”

Aprovou a competencia scientifica do sr. 1º delegado, em molestias nervosas diagnosticar-me um epileptico.

Cabe-me também o direito de classificar os seus actos de demasiada violencia - desmandos e falta de compostura no cargo, como emanados de um cerebro merecedor dos cuidados de um psiquiatra.

Cuidado com os meus amigos, eles dizem-me também o ‘Pedrito é doido’” (AT, 21/9/1922, p. 2).

T.6 - “Nesses antros de feitiçaria, dispersos pela cidade, ocorrem scenas monstruosas, impressionantes, não raro victimando os imprudentes que se prestam às bruxarias.

A policia ignora e fecha os olhos propositalmente [...]

Uma campanha cerrada de imprensa levou a policia a perseguir os ‘candomblés’” (AT, 29/5/1923, p. 1).

T.7 - “O ‘candomblé’ é ainda uma instituição na Bahia. Dir-se-ia que elle tem parentesco com esses bonecos teimosos, que não ficam nunca deitados, a não ser se a gente os obrigue, à força.

Porque o candomblé tanto que a policia desvia delle a sua mão repressora, surge, de novo a accordar os echos com a bonilheira infernal dos seus ritos nagôs”. (AT, 12/11/1926, p. 2).

T.8 - “*Guerra ao candomblé.*”

“A policia vae de quando em quando contra os feitichistas, recolhendo-os ao xadrez e apreendendo todos os utensilios de candomblé.

Cessada, porém, a vigilancia da policia, elles voltam com mais ardor, fazendo ‘despachos’ por todas as encruzilhadas, immolando animaes e offerecendo-os em holocausto aos seus idolos, ao som dos atabaques” (AT, 14/1/1932, p. 10).

T.9 - “Não pode ou não quiz exterminar semelhante cousa cujos adeptos, completamente fanatizados enfrentam todas as dificuldades, no sentido de satisfazer os seus. Na estrada da Liberdade funcionam inumeros candomblés. O ruido infernal produzidos pelos ‘batusques’ e dansas roubam a tranquillidade do local, inquietando os seus

moradores, que por esse motivo, já pediram providencias à policia.

Esta ainda esejos, comprindo rithmos da sua diabolica crença” (AT, 2/7/1935, p. 2).

T.10 - “Hontem, à tarde, foi pedida providencia á policia contra uma ‘macumba’ existente no Dique Pequeno.

O queixoso declarou que além da vizinhança não pregar os olhos com a barulheira infernal dos atabaques e caxixis, a falta de respeito reinante no candomblé ainda era maior. Varios candomblezeiros tomam banhos, sem nenhuma roupa e usando linguagem de baixo calão” (AT, 1/6/1932, p. 8).

T.11 - “Funciona, ha tempos, no Engenho Velho, um ‘candomblé’ infernal, roubando a tranquillidade dos moradores locais. São gritos, discussões, luctas, tantas outras irregularidades que os ‘irmaos’ quando ‘apoderados’, promovem. E isto se registra não somente durante o dia, também á noite” (AT, 5/6/1935, p. 10).

T.12 - “*É porco e degradante.*”

*Os candomblés irão reaparecer na cidade?*

Com a extinção do candomblé que já fizeram a sua época nesta capital, localizados na Matta Escura, Gantois, Cidade de Palha, Tanque etc. não mais foram vistos os famosos despachos, que appareciam pela manhã nas ruas mais movimentadas da cidade” (em seguida descrevendo os componentes de um ebó - AT, 10/11/1925, p. 1).

T.13 - “Apanhado no momento em que enterrava o bozó. Feiticeiro e despacho foram diretos para o xadrez.

No quintal de uma casa á rua Vasco da Gama, próximo ao Dique do Tororó, á noite de hontem, populares surpreenderam consumação de uma cena de ‘magia negra’.

O ‘pai de santo’ e feiticeiro Aurelio dos Santos foi ‘contratado’ por Abelardo Carlos para fazer um feitiço contra o tio: o ‘babalaô’ resolveu, então, em companhia do ‘cliente’ fazer o ‘serviço’ em um terreno na rua Vasco da Gama de propriedade daquele, proximo á casa de ‘seu Mathias’.

O material constava de um galo, farofa de azeite e outras bugingangas proprias. No momento em que Aurelio enterrava o ‘bozó’,



populares descobriram-no e desenterraram o galo. Um policial prendeu o feiticeiro, o galo, a farofa de azeite e o contratante, levando toda a turma para o xadrez” (AT, 18/11/1941, p. 2).

T.14 - “De ha muito, o delegado Gordilho vinha recebendo queixas contra uma mulher que no Moinho da Matta Escura, tinha montado um ‘grande consultorio’, no qual attendia a qualquer hora aos necessitados do corpo e da alma” (AT, 16/1/1924, p. 2).

T.15 - “*Os eternos exploradores da boafé popular.*

A Saude Publica vae agir rigorosamente contra a perigosa extirpe dos curandeiros, cartomantes, advinhos, etc.

Ha muito tempo, a Directoria de Assistencia Publica, uma attitude louvável, vem se empenhando no combate ao charlatanismo, magia negra e baixo espiritismo, combate que tem encontrado o mais decidido apoio por parte do dr. Barros Barretto, secretario da Saude Publica” (AT, 17/5/1930, p. 2).

T.16 - “Ha dias, o delegado Hannequim Dantas vinha recebendo queixas contra o espirita Severino Costa, conhecido por Jubiaba, que infringindo o Codigo Sanitario, exercia a medicina, dando consulta a pessoas que o procuravam á Cruz do Cosme” (AT, 12/5/1931, p. 10) (22).

T.17 - “O curandeirismo, apesar de vivermos em uma cidade adiantada, campeia, livremente, entre nos. Em cada rua ou bairro da cidade há um ‘pai-de-santo’, ‘medium’ ou cousa semelhante, que da consultas, ministra remedios e recebe bons honorarios, fazendo concurrencia seria aos verdadeiros medicos. A Saude Publica, porem, não concorda com isso. Curandeiros e charlatães são combatidos dentro da lei, não obstante todos os seus argumentos e protestos” (AT, 18/1/1941, p. 2).

T.18 - “O inspirado de Jubiaba mantem reclusa uma menor de 14 annos” (AT, 4/10/1921 p. 1).

T.19 - “O delegado Trindade teve conhecimento pelo guarda civil nº 27 que em uma casa de aspecto miserável, á Massaranduba, uma mocinha estava sendo torturada, a titulo de tratamento pela ciencia

occulta” (AT, 29/5/1923, p. 1).

T.20 - “O delegado Gordilho autorizou, então, uma diligência, que teve melhor exito. Manoel Doré, o perigoso feiticeiro, foi apanhado em flagrante quando praticava uma bruxaria, para curar 5 mulheres que o haviam procurado” (AT, 2/10/1923, p. 2).

T.21 - “O coronel Octavio Freitas, subdelegado do Rio Vermelho, teve denuncia de que naquele arrebalde, haviam diversas casas de candomblé e de feitiçaria, nas quaes creanças e raparigas, em grande numero, ficavam presas, despertando cuidados e inquietação de seus parentes e pessoas outras. [...]

Aos cantos viam-se muitas creanças, a dormirem, e raparigas ainda jovens, algumas vistosas, muito mal trajadas, emporcalhadas, demonstrando terem perdido muitas noites. [...]

E assim dias e noites, vae sucessivamente, pervertendo velhos e moços, mulheres e creanças, cuja educação não lhe permite reagir a influencias da seita perniciososa e prohibida pela policia de costumes” (AT, 20/8/1928, p.1) (23).

T.22 - “Lá chegando soube com grande surpresa que a sua mulher havia sido sequestrada pelo pae de santo Pedro da Telha, que se negava a entrega-la, allegando que a domestica estava com um espirito encostado.

Ao que parece o ‘pae de santo’ seguindo alguma praxe fetichista, alem de conservar presa ilegalmente a referida mulher, ainda raspou completamente a cabeça da mesma” (EB, 14/1/1937, p. 10) (24).

T.23 - “A denuncia fôra dada pelo parente de uma louca que ali [no candomblé do conhecido curandeiro Osumaré] estava em ‘tratamento’, com assentimento de seu proprio esposo” (AT, 3/10/1922, p. 2).

T.24 - “Para dar cumprimento á ordem moralizadora, partiram ás 19hs, com destino ao local indicado por queixosos, o tenente Santa Barbara, guarda 35 e um funcionario civil da 3ª delegacia.

O que foi a viagem até ser encontrada a ‘egrejinha’ cerca de 23 hs dizem-na as afflições que soffreram os diligenciadores perdidos por duas vezes nos mattos.

Não obstante, porém, aquella hora, foram, pelo som do ‘bataque’, repercuttindo do longe, os policiadores guiados até ao ponto certo” (AT, 12/11/1926, p. 2).

T.25 - “O ‘candomblé’ estava incommodando.

*E a policia deu o cerco.*

Attendendo, a constantes reclamações, o sub-commissario Alberto Cunha, de plantão no sabbado á noite, na Delegacia Auxiliar organizou uma caravana indo á Av. São Domingos, onde um ‘candomblé’ infernal, sem licença policial incomodava toda a vizinhança.

A autoridade terminou com o bataque e apprehendeu instrumentos do culto” (EB, 31/5/1937, p. 7).

T.26 - “A diligência teve completo exito, sendo apprehendido um grande arsenal de feitiçaria e presas cerca de 30 pessoas que foram conduzidas para a 1ª delegacia auxiliar, sendo pela manhã postas em liberdade” (AT, 20/5/1920, p. 2).

T.27 - “Assim é que á frente de algumas praças de policia, deu um cerco á casa, prendendo em flagrante muitas dezenas de adeptos e assistentes, inclusive o feiticeiro-chefe, os quaes passaram a noite no posto policial” (AT, 24/4/1922, p. 2).

T.28 - “O 1º delegado effectuou uma diligencia que resultou proficua, tendo denuncia de que á Matta Escura, no Engenho Velho estava funcionando ás escancaradas um candomblé do conhecido curandeiro Osumaré, fez cerca-lo á noite, prendendo 15 pessoas, que foram transportadas para a estação de Ondina, e apprehendendo os apetrechos bellicos” (AT, 3/10/1922, p. 2) (25).

T.29 - “[...] seguindo para o posto policial 21 pessoas do candomblé” (AT, 18/1/1941, p. 2).

T.30 - “Segundo ouvimos á colheita dos exquisitos objectos vae ser enviada para o Instituto Geographico Historico para ali ficar guardado entre as cousas celebres” (AT, 20/5/1920, p. 2).

T.31 - “O *Quinhão do Instituto Historico.* Em diligencia que tal o Instituto Historico

ganha a sua parte: - as bugingangas vão reunir-se as muitas já existentes em seus museus.

O delegado Frederico Senna já convidou o secretario perpetuo daquela instituição para escolher o que lhe serve dentre os troços do ‘pae Crescencio’, entre os quaes muitas reminiscencias do africanismo” (AT, 12/11/1926, p. 2).

T.32 - “Lindolpho e Saturnino estavam a matar um gallo para uma ‘cerimonia’ em Brotas. Com isto não concordou a policia, pelo que os dois gallicidas foram levados para a delegacia auxiliar, onde passam a philosophar sobre as coisas incongruentes desta vida” (AT, 2/8/1933, p. 10).

T.33 - “No auge do bataque a ‘mãe-de-santo’ Elvira Maria da Trindade mais conhecida por ‘Nenezinha’, [...] saiu rua afora, vestida carnavalescamente, com folhas á cabeça, e foi ‘aquella agua’, sapateiou, pulou, deu gemidos longos, apedrejou as casas, terminando por cair inerte. [...]

Informado a respeito disso, o sub-comissário do Matatu, sr. Francisco Ferreira de Carvalho, intimou ‘Nenezinha’ a ir a Delegacia da 1ª Circunscrição” (AT, 5/6/1935, p. 10).

T.34 - “[...] as ‘novas mães de santo’ foram conduzidas até a Igreja de Santo Antonio da Barra onde se puseram a rezar. A seguir toda a turma desceu a ladeira e poz-se a fazer ‘passes’ no largo da Barra.

Dois guardas da Delegacia de Costumes, que policiavam aquelle bairro, intervieram na festa e levaram as ‘maezinhas’ para dar uma audiencia no xadrez da delegacia[...].” (AT, 17/9/1941).

T.35 - “Na noite de 3º do corrente mês, estando o supplicante presidindo o culto da referida Associação Espirita á rua Carlos Gomes 93, compareceu o delegado Pedro Gordilho acompanhado do Commandante da Cavalaria e um cabo de policia de pistola em punho dizendo o primeiro que não permittia absolutamente o funcionamento d’aquelle culto espirita e effectuando a prisão do presidente mandando-o espancar barbaramente e a todos os reunidos, interrompendo o livre funcionamento daquelle culto religioso.

Afinal ameaçou que se continuasse a

funcionar o culto espirita elle o exterminava a chicote e a pata de cavallo, collocando secretas a frente da Sociedade” (AT, 27/4/1921, p. 4).

T.36 - “*Batidas no Retiro.*”

De algumas feitas, quando Lourenço era intimado pela polícia, declarava sempre que festejava ali S. Cosme e S. Damião. Era a costumeira cantoleira. Para exercer com mais segurança a sua feitiçaria, Lourenço mandou pôr num humbral da porta de entrada uma inscrição com o nome daquelles dois santos.

O sub-delegado Abilio de Jesus, apesar de novato no cargo e no officio, é que não se conformou com a historia... e, deu um cerco á casa” (AT, 24/4/1922, p. 2).

T.37 - “Estes [os candomblés] não se atrapalham. Para fugir ao cerco, utilizaram-se de um ‘truc’: - reabriram, não mais como ‘candomblé’, e sim como centros espiritas, forçando estatutos e fazendo-os registrar, procurando acobertar-se no paragrapho constitucional que assegura o livre exercicio de todas as religiões.

A feitiçaria, nesta nova modalidade, continua perniciosa, repetindo-se as scenas horripilantes de outrora” (AT, 29/5/1923, p. 1).

T.38 - “A feitiçaria perseguida algumas vezes nos centros mais movimentados da cidade vae fugindo para os arredores e pontos mais afastados, onde estabelece o seu consultorio...” (AT, 2/10/1923, p. 2).

T.39 - “Ha dias vem funcionando na Matta Escura do Retiro, certo ‘candomblé’ que propositadamente começa á 1 hora da madrugada e termina ás 5.

A vizinhança que se ver na dura contingencia de despertar todos os dias a esta hora e não poder mais conciliar o somno, attribui a preferencia dessas horas á falta de policiamento e a suspensão do trafego de bondes.

O pae de santo é o afamado Bernardino que ali está sem ser encommoado pela policia, mas encommoando a vizinhança” (AT, 2/3/1925, p. 2).

T.40 - “De quando em quando, a policia inicia campanha contra os candomblés, prendendo quantos ‘pães e mães de santo’ encon-

tra na sua frente e apprehendendo toda sorte de bugingangas, que são mandadas para o museu do Instituto Historico.

Nas primeiras semanas, os candomblezeiros tomam medidas acautelatorias, escondem os seus ‘pejis’, as suas vestimentas de penas, os seus arcos e flechas, os seus casirés, os seus atabaques. Passada, porém, a onda, voltam mais ousados” (AT, 19/4/1932, p. 2).

T.41 - “Ao Exmº senhor juiz federal foi encaminhado um pedido de ‘habeas corpus’, novo no genero, e verdadeiramente original.

Tratava-se do ‘Capitão Bernardino’ chefe de uma casa de feitiçaria que funcionava á rua Carlos Gomes, onde, num certo dia o primeiro delegado auxiliar inesperadamente penetrou, dissolvendo a traquitana como centro de exploração e recolhendo ao xadres os ‘crentes’ mais exaltados.

Agora o ‘Capitão’ dirige-se ao juiz federal nestes termos: ‘Diz o Capitão Bernardino de Senna Oliveira, negociante, brasileiro, residente nesta capital que, achando-se o supplicante e a ‘Associação Espírita São Francisco das Chagas Xavier’ condigos e em imminente perigo de soffrerem violencia pelo dr. delegado de policia sr. Pedro Gordilho, vem respeitosa e impetrar em seu favor e em favor da mencionada associação uma ordem de ‘habeas corpus’ de accordo com os paragraphos 3º e 22º do Art. 72 da Constituição Federal, e para que a presente seja devidamente attendida passa o supplicante a expor as razões que mostram a violencia e a illegalidade de tal coação...

O sr. Juiz Federal deu o seguinte despacho: ‘requeira a quem competir’ ” (AT, 27/4/1921, p. 4).

T.42 - “O ‘pae do terreiro’, um preto alto e magro, com os cabellos já pintando, não se fez de rogado e declarou á Policia que de facto, professava a ‘seita’ dos seus antepassados. Ali elle conversava com os ‘encantados’, pedia saude e felicidade pelos seus irmãos. Era um culto como outro qualquer. E acrescentou: como a religião catholica, os espiritas, o positivismo, etc. [...]” (AT, 1/6/1932, p. 8).

T.43 - “O mais interessante da diligência é que o inspector do quartirão de nome João Rufino do Bomfim, também é ‘ogan’ e no

momento do assalto, se rebelou, tentando frustrar a acção daquela autoridade” (AT, 24/4/1922, p. 2).

T.44 - “A cidade está cheia de antros de feitiçaria e falsos centros espiritas, onde se explora a credibilidade e a bolsa do publico.

É uma praga que se alastra, como o jogo do bicho, gozando ambos da mais larga e efficaz protecção da policia” (AT, 2/8/1923, p. 2).

T.45 - “O reporter da ‘A Tarde’ atirou umas perguntas a ‘pae Crescencio’ sobre os frequentadores, respondendo este, risonho: - gente boa - soldados de policia, que caem no santo, e gente que vem de automovel de todo canto da cidade. [...]” (AT, 12/11/1926).

T.46 - “Algumas providencias foram tomadas para a extinção completa desses antros, mas quase sempre surgia o capitão Emygdio, da Força Publica, e se responsabilizava perante a autoridade pelo não funcionamento dos cabulosos batuques, dos ensurdecadores atabaques.

Foi para o fechamento destas casas deante das queixas recebidas, que hontem, á noite, o coronel Salvador de Jesus, sub-delegado da Cruz do Cosme, dirigiu para a cidade de Palha.

Mal chegava elle no antro, e encontrava assentado na sala cercado de diversas praças, o capitão Emygdio.

A autoridade explicou o motivo de sua visita. O capitão Emygdio pediu sua complacencia. Garantiu-lhe que o sossego publico não sera perturbado” (AT, 5/12/1930, p. 10).

T.47 - “O ‘candomblé’ avisado a tempo.

O 1º supplente de commissario de policia do districto da Barra, sr. José Gomes Ferreira, conhecido pela alcunha de ‘Alexandre’ ou ‘Juiz de menores’ procurou ontem ás pressas, ao sr. Servilio de Menezes Rosa, o ‘PAE DE SANTO’, avisando-o para não bater ontem o seu candomblé, como desejava ‘PAPAE VIVI’, porque a policia ia ao seu TERREIRO.

O reporter ouviu tal affirmacção do próprio ‘PAPAE Vivi’, quando ontem, foi elle pedir providencias ao sr. Maximiano Machado, commissario do districto do Rio Vermelho.

Levamos o caso ao conhecimento do ca-

pitão João Facó, secretario da Segurança Publica, para que se apure como um auxiliar daquela repartição está fornecendo aos contraventores das medidas da Policia repressoras de taes practicas condemnadas” (EB, 13/2/1936, p. 8).

T.48 - “Todas as ‘maes de santo’ e demais pessoas envolvidas no caso foram ouvidas em auto de perguntas, apurando-se entre outras cousas que até um investigador era ‘filho de santo’ [...]

Em sua casa [casa de Rufino], conforme disse-nos o delegado, graças a adesão a macumba pelo investigador Chastinê, nunca a policia poz os pés” (AT, 19/2/1941, p. 8).

T.49 - “Era um *authentic* feitiço...

A elegante moça deixou um ‘bozó’ na porta do Rio Branco.

Bem vestida e elegante a senhorinha atravessava, em passos ligeiros, a praça Rio Branco. A graça e os requebros jazz-bandicos do corpo esguio attrahiram olhares curiosos - ah! se fossem somente curiosos! - acompanhando a rota da transeunte.

Eis senão quando, ao chegar bem em frente á porta principal do Palacio Rio Branco, a senhorinha deixou cair o embrulho que trazia...

Algumas compras, certamente, da loja (e aqui a leitora imaginará a loja que mais barato lhe vender, com caixeiro mais amável) algumas compras bem embrulhadas em papel côr de rosa e amarrada por delicada fita do mesmo tom.

Que será?

Não se ativeram os circunstantes em investigal-o. E apenas por um impulso de cavalheirismo, de que parece ainda ha uns remanescentes nesta época de vida pratica, alguns espectadores correram a levantar do chão o embrulho, menos por elle, que pela dama.

E chamaram a esta.

- Psiu! psiu!

- Ô moça bonita, um delles arriscou... E a senhorinha, nem como coisa! A pedra respondeu? Assim, era ella. Parecia até queria ser amada, de tão desdenhosa que se mostrava aos adoradores.

E, sem ao menos um olhar, desapareceu no movimento da rua Chile que áquella hora estava...

Nessas condições, resolveram abrir o embrulho.

Que será?

E o que todos viram foi isto: azeite de dendê, côco, farinha, milho, penas de galinha, uma boneca de pano espetada num alfinete, folhas do mal, um feitiço enfim, autentico feitiço...

E passaram então a perguntar:

- Contra quem será? Contra quem este feitiço?" (AT, 23/10/1926, p. 1).

T.50 - "*Uma batida aos candomblés.*

O delegado Tancredo Teixeira expediu ontem, na sua delegacia ordens severas, no sentido de ser feita na sua circunscrição, pela madrugada, uma batida contra os candomblezeiros, ou botadores de 'despachos' nas encruzilhadas, por haver augmentado consideravelmente o numero de 'bozós' apanhados pelos carroceiros" (AT, 13/8/1931, p. 10).

T.51 - "Bozó entregue ao promotor publico Dr. João Bastos" (AT, 18/11/1931, p. 10).

T.52 - "*Está em boas mãos.*

*A autoridade do Rio Vermelho recebe um 'despacho'.*

Não é cousa rara, ainda hoje, encontrar-se em plena rua, especialmente em encruzilhadas o que o vulgo chama - 'despacho', cousa estrambotica e á qual liga toda uma sequencia de desgraças, tanto para a pessoa 'em cuja tenção foi feita', como para qualquer que nos taes embrulhos venha a tocar...

*Bôlor do passado.*

É bem claro que esta encenação é paga por bom dinheiro aos 'feiticeiros' de certos arrebaldes. Disso elles vivem cercados de mysterios e indicados somente áquelles com quem tenham 'negocios'.

Isto vem a propósito de um 'authentico despacho' enviado num dos ultimos dias, nem mais, nem menos que á autoridade policial do districto do Rio Vermelho, o sub-comissario Maximiano Machado.

Provavelmente a actividade invejavel da citada autoridade tem desagradado, ou mesmo sido prejudicial á malandragem local - dahi o teralgun encaminhado ao sub-comissario uma 'perna pustulenta', presente desagradavel que elle mirou declarando não entender o seu sentido. [...]" (EB, 23/3/1936, p. 10).

T.53 - "Depois de falar sobre diversos aspectos do século 19 surge o primeiro cinema em experiência, na rua Carlos Gomes. O phonographo assombra os que vão ouvi-lo. Mais tarde a illuminação a bicos Auer e depois a acetyleno espantam a população.

Na festa de 2 de julho um suiso se propõe a illuminar o palanque dos caboclos á luz eletrica a luz que accendia por si mesma. A cidade desfilou deante do espetaculo assombroso e inédito.

Melhora a nossa urbs com os primeiros bondes electricos, a que se seguiram dois automoveis, o do engenheiro Alencar Lima e o de Henrique Lanat havendo controversia sobre qual o primeiro chegado aqui e, por fim, asfalto, avenida e... o desfile das moças e senhoras pelas ruas disputando ao sexo barbado, tudo até cousas... que o capeta nunca se lembrou de ensinar aos seus adeptos.

Mas... e está aqui o 'clou' destas notas passadistas, apesar do progresso das cousas e da gente da 'boa terra', em que nascemos, não falta quem goste de manter estas tradições primitivas...

Por exemplo os empregados da 'Linha Circular', os que ficam á porta do Elevador. Alegres e felizes, enquanto não entram em serviço, em envez da linha de rigida disciplina a que eram obrigados anteriormente, elles, os rapazes, divertem-se sambando e dansando o 'carêrete', acompanhados de um camarada que fez de uma tamboinha - viola - recordando velhas usanças que todos supunham esquecidas e que muito mal depõem hoje nos nossos costumes de gente civilizada e distincta. Esse o espectáculo curioso e absolutamente ridiculo, de quase todos os dias, que o público assiste na praça Rio Branco em meio daquela agglomerado de gente que espera bondes, vendedores de doces, queimados e sorvetes.

Naquella confusão de caixões, calça e materiaes de construção, num atropello babelesco em frente ao palácio do governo, em que culminam os rapazes na 'ciranda africana', numa 'cabroeira' que depõe de nossos habitos de gente culta, fixada com inteira fidelidade pelo 'crayon' de Aguiar" (AT, 24/8/1929, pp. 1-3).

T.54 - "*É preciso limpar a cidade destes antros.*

A historia do candomblé, triste



SEREIA NO  
PENHASCO COM  
ALAÚDE, PEÇA EM  
MADEIRA  
POLICROMADA COM  
OLHOS DE VIDRO,  
RELACIONAM-SE ÀS  
DIVINDADES DE  
ÁGUA DOCE, DA  
QUAL OXUM FAZ  
PARTE

reminiscência do africanismo, já tem sido feita entre nós. Taes ritos ainda são cultuados no nosso meio” (AT, 20/8/1928, p. 1).

T.55 - “*Em pleno seculo do cinema fallado!*”

Em pleno seculo do radio e do cinema fallado, a velha Thome de Souza, a nossa cara terra ainda conserva o traço das coizas antigas, a ignorancia dos nossos antepassados” (AT, 30/4/1931).

T.56 - “*A cidade que Deus esqueceu.*”

Aspectos que Desolam e Deprimem - os candomblés ‘ressurgem’ - ‘despachos’ nas vias publicas mais centrais.

Parece titulo de uma fita cinematográfica. Mas não é. A nossa capital é bem uma cidade que Deus esqueceu e de que nossos administradores em muitos pontos não se lembram. O reporter perigrinando por varios pontos, na ansia de catar novidades foi anotando na carteira aspectos curiosos que depõem contra os nossos foros de civilização” (AT, 9/12/1935).

T.57 - “*O Sr. Pedro Calmon é contra o samba.*”

O Sr. Pedro Calmon protestou de publico contra o samba...

Ele quer acabar com o samba, elle quer que o Brasil cante como um alemão, como um inglez, como um grego, mas é difficil tapar a bocca de um brasileiro que quer cantar.

O academico que se volta contra rhythmos da terra e a riqueza do nosso sub-solo psychologico não terá forças nem de furar uma cuica, nem de partir as cordas do violão de Patrício, nem de fechar uma escola de samba.

O povo é creador, o pae e a mae de tudo que é grande e original, e se o Sr. Calmon conhecesse bem a história da arte, seria o primeiro a descobrir no samba mais convicção do que as guerras, as revoluções, a paz, e enfim toda a vida social, é influenciada pelo estomago.

Pode o sr. Calmon falar de negros e allegar o seu aryanismo. Deus, que é brasileiro, está mais com a musica do samba do que com os discursos do academico. Deus nasceu na Bahia, disse uma vez um samba esplendido e Deus continua a nascer por este Brasil afora, enquanto não seccar em nossos corações as fontes das doces e tristes músicas dos sam-

bas, dos 'choros', das 'marchas'" (EB, 8/7/1939, p. 5).

T.58 - "Denunciei não o samba, como o povo no-lo dá, aqui e ali, porém 'batuque e onomatopeia que lembram ao luar da fazenda o perfil sombrio da senzala...'.  
Advertir o equívoco não de um baile de sabor indígena, senão da infeliz propaganda que se faz do 'africanismo' nas 'estylizações e explorações' que conhecemos.

Indignei o sr. Lins do Rego, não combatendo o samba - choreografico e melodico - mas estranhando o abuso, que é propalar-se lá fora, onde mal sabem quem somos. [...] E no reparo, pensando no perigo de 'valorizar-se perante plateas estrangeiras' a toada nagô dos 'terreiros de samba' pretendi modestamente falar numa verdade patriótica. Verdade - porque o Brasil é diferente do quadro e do pessoal que a macumba exhibe. [...] Em vez de aparecer o que chegamos a ser: um povo de culta e ambiciosa civilização, parecer o que já deixamos de ser, mesmo antes de 18 de maio: um povo ninado e dorminhento ao som monotonico dos atabaques. [...]

A 'arte africana' que se teima em impingir como 'arte brasileira' ganhará os palcos da outra banda do Atlântico. Os empresários, na sua caça ao 'exotismo', impingindo com 'scenas do Brasil' 'costumes do Brasil' esses espetáculos do Congo e Benguela que os 'filmes' da Africa reproduzem" (EB, 15/7/1939, p. 5). (26).

T.59 - "*Uma noite africana na radio comercial.*

O pae-de-santo João da Pedra Preta, com a sua orchestra de negros, executará músicas religiosas dos candomblés.

No próximo dia 15 terça-feira a 'Radio Comercial' offerecerá aos seus 'fans' um numero sensacional.

Em collaboraçãõ com a comissão do 2º Congresso Afro-Brasileiro e com o Estado da Bahia, a 'Radio Comercial' vae organizar um programma typicamente africano, regional.

O 'pae-de-santo' João da Pedra Preta levará ao 'estúdio' daquella radio-diffusora uma legítima orchestra negra constituída por tabaques, agogo e cabaças, a cargo dos mais eximios tocadores do candomblé da Gomea.

As 'filhas-de-santo' que o acompanharão, farão coro a bellos canticos religiosos nagôs,

bantus e caboclos.

Antes da audiçãõ de canto e musica dos adherentes do candomblé da Gomea, devera falar, sobre as finalidades do 2º Congresso Afro-Brasileiro da Bahia, o escriptor Edison Carneiro, da comissão encarregada do mesmo.

Assim, a 'noite africana' da 'Radio Comercial' está fadada a um sucesso sem precedentes na historia das nossas 'broadcastings'" (EB, 12/12/1936, p. 4).

T.60 - "*A noite africana da Radio Comercial da Bahia.*

O sucesso inigualavel alcançado pelos canticos religiosos do pae de santo João da Pedra Preta.

Transcorreu, anteontem, com o maior sucesso possível, a 'noite africana' da Radio Comercial PRF 8 da Bahia.

Em collaboraçãõ com o Estado da Bahia e com a Comissão do Congresso Afro-Brasileiro da Bahia a Radio Comercial proporcionou, aos radio-ouvintes da cidade, a audiçãõ de musicas e canticos dos candomblés afro-bahianos. ...

Por motivo de força maior, deixou de falar sobre as finalidades do 2º Congresso Afro-Brasileiro o escriptor Edison Carneiro da Comissão encarregada da realizaçãõ do Congresso na Bahia. Cercado e aparado pelas suas filhas de santo o chefe, do candomblé da Gomeia, executou numeros interessantísimos, ouvidos com entusiasmo, tanto pelos radio-ouvintes, nas suas casas particulares, como pelos populares que se aglomeraram á porta dos bares e dos cafés da cidade para escutar o velho lamento africano dos candomblés" (AT, 17/12/1936, p. 6).

T.61 - "*Homenagem ao Congresso Afro-Brasileiro.*

*A festa de hontem, no 'terreiro' do Alaketu, no Matatu Grande.*

Echo ainda do Congresso Afro-Brasileiro, que aqui se reuniu em janeiro deste anno, foi a festa de hontem no candomblé do Alaketu, no Matatu Grande. [...]

Não tendo podido homenagear no tempo o 2º Congresso Afro-Brasileiro dona Dyonisia Regis deu hontem, a Comissão Executiva, uma festa simples, mas cordial, [...]

A essa festa compareceu um grupo de interessados nos estudos afro-brasileiros,

entre os quaes o professor Nestor Duarte, acompanhados pelo nosso companheiro de redação, o escriptor Edison Carneiro, da Comissão Executiva do Congresso.

Foi optima a impressão pelos congressistas[...]” (EB, 24/5/1937, 2ª ed., p. 2).

T.62 - “*As festas de amanhã, nos ‘terreiros’ do Gantois e do Engenho Velho.*

Amanhã, dia de Corpus Christi, haverá duas grandes festas, nos ‘terreiros’ do Gantois e do engenho Velho, dos mais puros candomblés da Bahia e dos mais antigos do Brasil.

*Um novo ‘terreiro’ no Gantois.*

Será lançada amanhã, ás cinco horas da tarde a pedra fundamental do novo ‘terreiro’ do Gantois, ampliando a construcção antiga.

Para essa festa, os ‘ogans’ e as pessoas gradas do ‘candomblé’ estão convidando todos os seus amigos. Depois dessa cerimônia começará a festa no velho ‘terreiro’ da Pulcheria, pela noite a dentro.

*As festas do candomblé do Engenho Velho.*

O candomblé do Engenho Velho, na linha do Rio Vermelho (de baixo) commemorará o dia de Corpus Christi com uma grande festa em louvor de Oxossi.

Para começar, haverá uma missa, ás 8 horas da manhã, na igreja do Paço.

A noite, a festa em louvor de Oxossi trará alegria ao coração dos negros simples e bons das redondezas.

Os ‘ogans’ do candomblé estão convidando todos os amigos para a grande festa de amanhã” (EB, 26/5/1937, 2ª ed., p. 2).

T.63 - “[...] nosso pensamento é transportado para as terras de Juruba, onde Xangô foi rei. Parece que estamos vendo o grande rei entre os 12 membros do seu conselho: os obás - meia duzia do lado direito, todos elles com ocherê nas mãos dando opinião e discutindo e outra meia duzia do lado esquerdo - sem cherês, sem nada, uma espécie de bancada da opposição sem direito a voto e proibidos de um mero palpite. Um perfeito parlamento da nação Quetô. E aí estamos. E assistimos as cerimoniaes. ...

Uma gente boa esta reunida. Muita delicadeza. Muitos oferecimentos. Uma gente bondosa que não precisa agredir para se defender nesse tumultuar da vida intensa dos grandes centros, em que um labio que sorri esconde um

cérebro que procura destruir, não raro só pelo simples prazer de destruir. E as mulheres que dansam levantam preces para Hossana, senhor da hervas e beijam a terra - fonte de toda a nossa felicidade e para onde iremos depois de mortos. E como se nos gravou na memória a cêna da Santa percorrendo a roda, com palavras ininteligíveis da lingua nagô, fazendo um gesto de atirar qualquer coisa que tem nas mãos ao vento. Foi a ruindade dos presentes que ela atirou e jogou ao léo. E meu pensamento desejou que todas as pessoas ruins que existem neste mundo ali estivessem para sofrerem essa faxina no corpo e na alma. Como ficaria concorrido o candomblé. E a aiabá vai nos informando: a sociedade é chamada Aché, fala de Otuduá, padre eterno e de Exum - o primeiro pai. Fala do Ocidagan que morreu - e que só depois de 3 anos será substituído. Que diferença da vida terrena em que o individuo está vivo e os substitutos brigam pela disputa do lugar. Decididamente vou ser Obá do reino de Xangô” (Domingos Laurito, Salvador, 30/9/1940).

T.64 - “*Serão ouvidos em Washington as melopéas dos candomblés negros da Bahia.*

O objetivo da visita do professor Melville J. Herskovits.

*A população negra da Bahia oferece vasto campo para novos estudos originaes.*

Encontra-se nesta capital, tendo chegado anteontem, pelo ‘Almirante Jaceguai’, o professor Melville J. Herskovits, chefe do departamento de Antropologia da Northwestern University de Evanston Illinois USA.

Antropologista de renome e autor de varios trabalhos divulgados em todo o mundo, o professor norte americano está realizando uma viagem de estudos, acompanhado de sua esposa e uma filhinha. ...

*Discos para a biblioteca do Congresso.*

O professor Herskovits, traz na bagagem completa aparelhagem para a gravação de discos de nossa música folclórica e da lendas e contos brasileiros.

Estes discos serão remetidos, não só para a University de Illinois, como igualmente, para a biblioteca do Congresso, em Washington. Aproximando-se a hora do ‘lunch’ não mais queriamos interromper o descanso do professor ‘Yankee’.

Assim agradecendo a atenção que nos dispensou despedimo-nos do mr. Herskovits” (AT, 27/11/1941, p. 2).



## NOTAS

- 1 Agradeço a muitas pessoas pela boa vontade de conversar comigo, de me contar histórias da época, esclarecer dúvidas e fazer sugestões e críticas sobre a organização do material todo. Agradeço, em especial, entre muitos, a: Mãe Cici, Seu Etelvino, Mãe Kutu, Nair, Piquinita, Tia Sofia, Mãe Teté, Pai Vicente, Cid Teixeira, Heitor Frisotti, Lamartine Lima, José Santos Pereira, Oswaldo Bernardes e Pierre Verger.
- 2 Os artigos que falam sobre as chamadas "batidas" nos candomblés são, muitas vezes, acompanhados por uma foto, que mostra as peças apreendidas pela polícia. Às vezes são peças que existem em qualquer candomblé, outras vezes são peças únicas, tambores com alguma inscrição, roupas de santos, certas ferramentas bem originais, permitindo facilmente um reconhecimento. Comparando-as com as peças documentadas através de fotografias constantes da publicação de Raul Lody, *Um Documento do Candomblé na Cidade do Salvador* (1985), que documentam o acervo do Instituto Geográfico e Histórico, é possível reconhecer diversas peças. Infelizmente, o museu encontra-se fechado há mais de dez anos, e por isso não foi possível ter uma impressão ocular e pessoal do acervo. O acervo do Museu Estácio de Lima, por sua vez, conta também com algumas peças que aparecem nas referidas fotos. Em vista das tentativas e cogitações de um grupo de pais e mães-de-santo, conjuntamente com a Federação dos Cultos Afro-Brasileiros, no sentido de realizar a devolução das peças apreendidas durante as batidas ("História da Perseguição Policial. Peças do Candomblé Serão Devolvidas aos Terreiros", in *A Tarde*, 25/9/1988, artigo acompanhado de algumas ilustrações), gostaria de chamar a atenção para a possibilidade de identificação de certas peças, através das mencionadas fotos, que acompanham os artigos de jornal, indicando a sua origem. Um primeiro passo para tal procedimento seria uma catalogação das fotografias de jornal, para depois compará-las com as peças guardadas nos dois museus.
- 3 A razão de ter estendido o período pesquisado até 1942 é simples: nesse ano, o musicólogo Melville Herskovits realiza as primeiras gravações com música de candomblé, isto num momento em que a opinião pública a respeito do candomblé, depois da realização do 2º Congresso Afro-Brasileiro, já tinha começado a mudar. A pesquisa nos jornais concentrou-se, em primeiro lugar, no jornal *A Tarde*, consultando-se, com poucas exceções, todos os volumes relativos aos anos de 1920 a 1942, sendo complementada, em casos em que não foi possível a consulta, pelo jornal *Estado da Bahia*. Este foi consultado especialmente nos anos de 1936 a 1937, época em que Edison Carneiro começou a escrever para esse jornal. Esse fato tem a maior importância, como veremos mais tarde. Os trechos de artigos de jornal citados no presente artigo levam, além da indicação de dia e página, a sigla AT (*A Tarde*) ou EB (*Estado da Bahia*). Para evitar qualquer dúvida, adiantamos que todos os artigos citados até o final de 1935 foram pesquisados no jornal *A Tarde*. As citações dos anos 1936-39 (1938-39 incompleto) referem-se ao jornal *Estado da Bahia* e, a partir de 1940-42, citamos novamente *A Tarde*, com a única exceção dos meses de abril a junho de 1940, que foram consultados no jornal *Estado da Bahia*. Todos os artigos citados no texto corrido, como, por exemplo, T. 17, aparecem em anexo, enquanto que os textos citados nas notas trazem a sigla TN, seguida do respectivo número. Outra coisa: tanto em T. quanto em TN., os títulos, quando existirem, estarão grifados.
- 4 Existem também casos em que os fatos noticiados pelos jornais encaixam-se perfeitamente com os que foram conservados pela tradição oral, como, por exemplo, nos casos da batida na casa de Eduardo Daniel de Paula (AT, 21/6/1940) e do finado Rufino (AT, 18 e 19/1/1941). O jornal noticia o seguinte: TN. 1 - "Velho 'pai de santo' as voltas com a polícia. Importante diligência em Amoreiras - apreensão de vasto material - mobiliário excêntrico e luxuoso - ossadas humanas. Investigadores da Ordem Política e Social e Delegacia auxiliar sob a direção do tenente Cordeiro, que procediam buscas para apreensão de passavias roubadas em Campinas, município de Itaparica, realizaram uma diligência em Amoreiras, localidade pertencente ao citado município, effectuando nessa oportunidade extraordinária apreensão de vasto material de macumba. O 'pai de santo' dono do material, com sua companheira foram detidos. Chamam-se Eduardo Daniel de Paula e Margarida Maria da Conceição. Conta elle 97 annos de idade e ha longo tempo pratica macumba. É muito respeitado e conhecido na zona onde reside, também é temido e procurado por toda sorte de doente. O velho 'Ogum', sua mulher e todo o petrecho, foram trazidos para a capital. *Mobiliário luxuoso*. Além de atabaques, 'santos', quadros de toda especie, apprehendeu-se luxuoso e excêntrico mobiliário. Cadeiras estufadas e bordadas em cores vivas. Tudo para as ceremonias, do ritual de Eduardo Daniel de Paula e seus fieis" (AT, 21/6/1940, p. 2). Este caso foi lembrado por uma senhora que, na época, ainda bem jovem, chegou a levar comida para o velho Eduardo enquanto estava na prisão. Além do mais, ela confirmou que a maioria dos objetos usados nesta casa de culto a Baba-Egun foi levada. Sobre a batida na casa de Rufino, que foi comentada em dois artigos muito longos, existe um relato de uma velha filha-de-santo, que conta o seguinte: antes da batida, os chamados "secretas", à paisana, procuraram obter informações a respeito da localização da casa de Rufino. Este, na época, tinha recolhido um barco de iaó, que foi de fato surpreendido pela batida policial. TN. 2 - "Continuando as buscas encontrou-se trancadas em um quarto, com as cabeças raspadas e completamente desnudadas, 5 mulheres, que ha meses estavam sob chaves em 'tratamento' para poderem receber espiritos[...]" (AT, 18/1/1941). Segundo o relato pessoal, estas iaós, após terem sido levadas para a delegacia, aprontaram tanto, porque estavam de "erê", que o delegado não agüentou a perturbação e as soltou.
- 5 Naquela época, praticamente só existiam dois distritos policiais no centro de Salvador, a 1ª Circunscrição, na Piedade, e a 2ª, na Baixa dos Sapateiros. A 3ª, mencionada em alguns artigos, ficava na Cidade Baixa, em Itapagipe.
- 6 Existem mais variações, e outros versos sobre Pedrito: "Arreda minha gente/ Pedrito vem aí/ vem cantando ca ô cabieci" (informação pessoal). "Sexta e sábado/domingo é meu/- cadê 'seu' Pedrito?/- o gato comeu/- se ele era homem/prá que correu?" (Ferreira, 1984, p. 60). Este último verso consta também do já mencionado ABC de Pedrito, embora de forma mais simples: "Sexta - sábado, domingo é meu/ Quedê Pedrito? o gato comeu" (Calasans Brandão da Silva, 1980, p. 90). No romance *Tenda dos Milagres*, há, além dos versos já mencionados, ainda o seguinte: "Toca o pandeiro/Sacuda o Caxixi/Anda depressa/Que Pedrito vem aí" (Amado, 1969, p. 304).
- 7 No final de 1932 e início de 1933, e nos anos 1935-36, pode-se observar uma campanha em volta do espiritismo que - embora pretendendo separar o "alto" do "baixo" espiritismo - mostra-se muito mais tolerante com este do que com o candomblé. Isso talvez seja devido à origem europeia do espiritismo (Allan Kardec), supostamente mais digna que a origem africana do candomblé. Fora dessas campanhas, existem diversas reportagens sobre o mencionado quiromante, de nome Giovanni Tassani, que fez o maior sucesso na cidade, e leu a mão até do delegado Hannequin Dantas, envolvido em diversas "batidas" nos candomblés (T.11). O título da matéria é esclarecedor: "O Tenente Hannequin Dantas Será sempre um Triunphador" (EB, 3/9/1936). Logo em seguida, o mesmo personagem aparece com a seguinte notícia: TN. 3 - "O carater do tenente Hannequin Dantas através das linhas de sua mão. O professor Sant'Anna, conhecido quiromante, presentemente na Bahia, vem lendo as linhas das mãos de varias pessoas de nosso 'set' social" (EB, 27/4/1937, p. 5). Em março de 1933, passou um faquir pela cidade, fazendo diversas apresentações em suas faculdades, e recebendo milhares de cartas da população. O evento teve uma grande repercussão e recebeu a cobertura do jornal *A Tarde*. É curioso ver que estas demonstrações, muito menos tradicionais e complexas que o próprio candomblé, são bem recebidas e bem vistas, não causando nenhum tipo de repugnância crítica, enquanto o candomblé continua sendo perseguido e agredido. A consulta ao quiromante e ao faquir é considerada chique e tem um ar exótico, enquanto que a consulta ao pai-de-santo é considerada abominável, porque ele é o representante de algo que se pretende ignorar e superar. O fato de diversos candomblés terem-se "convertido" ao espiritismo (ver T.37), fato reconhecido pela imprensa, parece confirmar a tese levantada, de que a existência de um centro espírita era menos complicada e menos mal vista do que a de uma casa de candomblé.
- 8 No texto da Constituição de 1891 (de 24 de fevereiro), encontra-se o seguinte artigo: "Art. 72 - A constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes: § 3º Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum". Na Constituição de 11/11/1937, encontram-se praticamente as mesmas palavras: "Art. 122/4 - Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer politica e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum, as exigencias da ordem publica e os bons costumes". Um outro parágrafo, do mesmo artigo em questão, refere-se à liberdade de escolha de profissão, que, em alguns pedidos de *habeas-corpus*, é usado como justificativa do pedido. "Art. 72 - § 24 - É garantido o livre exercicio de qualquer profissão moral, intelectual e industrial" (1ª CF - 24/2/1891), "Art. 122/8 - a liberdade escolha de profissão ou do gênero do trabalho..." (Constituição "Polaca" de Vargas - 11/11/1937). Este parágrafo é a base para o seguinte pedido: TN. 4 - "É de ha pouco um pedido de 'habeas corpus' ao Tribunal Superior. Impetrou-o Procópio que é sacerdote de Ogunjá, no seu terreiro e curandeiro com clientela. E evocou o artigo da Constituição Federal, que instituiu a liberdade de profissão" (AT, 26/6/1920, p. 4).
- 9 Além dos três casos mencionados, achamos um quarto, um pouco fora do contexto, que esclarece um outro aspecto importante: trata-se de uma pessoa que comercializava "obi", fruta indispensável no candomblé, que - de preferência - é importada da África. No referido caso, foi aberto um inquérito na alfândega, depois de se ter descoberto o contrabando em flagrante. TN. 5 - "Dois sacos de obi iam sahindo do 'Cordoba'. Passou, hontem, no porto o Paquete francez 'Cordoba', que ancorou ao lago. De bordo deste navio procuraram desembarcar

para um saveiro, infringindo as leis aduaneiras, dois saccos de obis, fructa exotica e que está no mercado pelo preço caríssimo. O contrabando foi pegado pelo guarda Cecio Vellozo que lavrou o competente auto, abrindo-se inquerito na Alfandega" (AT, 4/8/1923).

- 10 É novamente Nina Rodrigues que afirma este fato, dizendo que muitos dos policiais são de raça negra - mesmo considerando esta raça como inferior (1945, p. 386). Ele cita um artigo de jornal que aborda o caso de um oficial de polícia envolvido em candomblé: "Antônio Ernesto Soares fôra há tempos oficial de polícia, tendo sido aposentado em virtude de seu estado de demência, provavelmente de sua iniciação em coisas de feitiçaria" (Nina Rodrigues, 1945, p. 386). Esta citação é mais uma confirmação da observação anterior, de que diversos policiais tinham um envolvimento mais direto com o candomblé.
- 11 As ligações entre pessoas do candomblé e pessoas da sociedade talvez possam ser comparadas com o processo do apadrinhamento, fato comum na sociedade brasileira. Seria uma troca de "favores": o candomblé daria uma paz espiritual, cobrindo um vácuo existente na vida de muitas pessoas da sociedade, enquanto estas dariam ao candomblé uma certa segurança econômica. Há, sem dúvida, também um aspecto de modismo: tornou-se chique consultar um pai-de-santo, ter contato com alguém do candomblé. Mas acredito que, se não existisse um fundo de interesse verdadeiro, se o candomblé não satisfizesse a alguma necessidade de busca espiritual, nenhuma moda teria tanto "sucesso" durante décadas. É óbvio que qualquer moda traz os seus perigos também: o perigo da folclorização e comercialização, em primeiro lugar, que podem levar a transformações radicais que, afinal de contas, são mais perigosas para o candomblé do que as tentativas de extingui-lo com o uso da violência, já que estas transformações mexem com a substância e o conteúdo da tradição e transmissão religiosa. Este ponto necessita, sem dúvida, uma discussão mais abrangente, que já ultrapassa o objetivo deste artigo. Gostaríamos de encerrar este aspecto de modismo com uma observação de Mário de Andrade, feita pouco antes da realização do 2º Congresso: TN.6 - "[...] Há também o perigo sentimental, a criação de uma nova e falsa 'moda' negra, quero dizer, uma espécie de novo romantismo em que os 'perys' serão substituídos pelos 'benedictos'" (EB, 6/11/1936).
- 12 TN.7 - "E, decerto para mostrar como até as classes mais cultas se acham de algum modo influenciadas por este fetichismo selvagem, nas práticas assim brutais por ele consignadas, o ilustre 'professor' houve por bem registrar esta confissão de uma 'filha-de-santo' que tinha sido recentemente 'feita'. 'Eu sou uma preta e não sei ler nem escrever, mas estou vivendo com um homem formado pela Faculdade de Medicina'" (AT, 11/4/1942, p. 3).
- 13 Este tipo de argumento e pensamento foi até absorvido por partes da população negra, nas suas tentativas de "progredir" e serem aceitas pelas camadas mais altas. "Em vista do desprezo mostrado embora sob forma tolerante, por pessoas de maior prestígio da parte européia da população e por instituições como a igreja, a escola, o jornal, etc., a maior parte dos jovens pretos tendia a abandonar o candomblé e o corpo de idéias e sentimentos a ele identificados e a considerar esses costumes e tradições como prova de 'ignorância', de 'atraso', e de um 'desenvolvimento mental retardado'" (Pierson, 1971, p. 337). Talvez se possa dizer que aqueles que hoje são sensíveis a esse tipo de argumentação, e se deixam influenciar até o ponto de abandonar o candomblé, muitas vezes deixam-se converter a religiões que, na sua síntese, são o oposto do candomblé: seriam os mais diversos tipos de seitas pentecostais, cujos adeptos normalmente são chamados de crentes. Estas seitas cresceram muito em quantidade e número de adeptos, transformando-se numa séria concorrência à Igreja Católica. Porém, o alvo principal dos crentes é o candomblé, e não a Igreja Católica. A história da antipatia dos crentes para com o candomblé está ainda para ser escrita. Só podemos mencionar que ela se materializa em acusações falsas e preconceituosas, proclamadas em passeatas públicas e folhetos, além das deturpações, com agressões verbais nos sermões dos pastores.
- 14 Todas as teorias importadas - ou adquiridas durante o tempo de estudo na Europa - caíram num solo muito fértil ao chegarem ao Brasil, devido à composição multirracial do país, apesar de constituído basicamente por três raças. Este quadro populacional difere - em geral - dos países europeus onde foram criadas as mencionadas teorias, que convivem com uma situação diferente. É óbvio que a situação brasileira, na sua apresentação tão específica, estimula as mais diversas teorias e opiniões a respeito de vantagens e desvantagens da convivência, e até da mistura natural das diversas raças. E, como se não bastasse este quadro, temos ainda fatos mais complicados, como o quase extermínio dos povos indígenas e a escravização da população negra, que formam a história do país e influenciam a convivência das pessoas de diversas raças. Resumindo: com certeza encontramos no Brasil um quadro todo especial, que é responsável pela discussão em torno do termo do caráter nacional brasileiro, e a tentativa subsequente de defini-lo. É neste contexto que temos que ver todas as colocações referentes às características psicológicas do brasileiro, dividido por suas raças de origem. É óbvio também que todos os autores - devido à formação de cada um, ou regidos pelas linhas de pensamento em moda - chegam a conclusões diferentes, enxergando a situação e o futuro do Brasil (em relação às capacidades dos seus habitantes), ou com pessimismo ou com otimismo, e às vezes com um ceticismo que fica entre os dois extremos. Não podemos entrar nos detalhes desta discussão, mas gostaríamos de indicar a leitura do livro de Dante Moreira Leite, *Caráter Nacional Brasileiro*, em especial o capítulo XII, "As Raças e os Mitos" (1983, pp. 253-73). Resumindo, podemos constatar que uma boa parte da discussão gira em torno do aspecto de até que ponto a mistura das raças criaria traços culturais novos e diferentes, necessariamente esquecendo as suas supostas origens atrasadas e limitadas (no caso das culturas indígenas e africanas), ou, ao contrário, seria de um atraso da cultura brasileira de uma forma geral. Representantes destes dois tipos de pensamento encontramos, entre outros, em Arthur Ramos e Pedro Calmon. "Num resumo final, verifica-se que Arthur Ramos, embora explicitamente recusasse o evolucionismo linear de seus antecessores, acabou sendo vítima do mesmo esquema de pensamento, ao descrever a cultura primitiva, inferior às culturas civilizadas por resultar do amálgama imperfeito de culturas mais atrasadas [que seriam as culturas negras e indígenas]" (Dante Moreira Leite, 1983, p. 266). Pedro Calmon fala da mistura de raças como a "sua milagrosa confissão" (1949, p. 228) que criaria uma nova cultura, não voltada para as suas origens, e segue mais adiante: "Na psicologia atrevida do mestiço delinea-se o nativismo, palpita, como uma adivinhação, a política patriótica, e se desdobra a consciência nascente e poderosa do povo" (Calmon, 1949, p. 229). O pensamento preconceituoso de Calmon, baseado em pressupostos raciais, fica bem visível no seu romance *Malês: a Insurreição das Senzalas* (1933), analisado de forma crítica por João Reis, que o considera "uma espécie de 'graças a deus' pela vitória da civilização sobre a barbárie" (Reis, 1988, p. 98). Prossegue ele: "seu [de Calmon] preconceito, não tem a fria objetividade de um Nina, é mais emocional, mais orgânico. Sua definição da superioridade racial do branco é aristocrática: este tem 'sangue nobre'" (Reis, 1988, p. 99). Uma terceira vertente seria uma posição que considera a contribuição das diversas raças formadoras de importância igual, dando ênfase à mistura que utiliza os mais diversos recursos das suas tradições originais, sem julgar nenhuma das culturas contribuintes como inferior ou superior. O resultado deste contato de diversas tradições constituiria justamente a grande riqueza da cultura brasileira.
- 15 Não há como não incluir estes acontecimentos na área da literatura e das artes de uma forma geral. A importância do movimento modernista deve-se menos a idéias construtivas do que ao seu "espírito destruidor. [...] Isto é o seu sentido verdadeiramente específico". Continua o autor: "O movimento de Inteligência que representamos, na sua fase verdadeiramente 'modernista', não foi o fator das mudanças político-sociais posteriores a ele no Brasil. Foi essencialmente um preparador; o criador de um estado de espírito revolucionário e de um sentimento de arrebentação". E mais: "O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional" (Andrade, 1972, pp. 240-2). Podemos dizer que a "consciência criadora nacional" inclui a consciência da cultura nacional e, conseqüentemente, a descoberta da cultura popular, durante muito tempo ignorada, enquanto a cultura da elite orientava-se exclusivamente pela cultura européia. É nesse contexto que devemos ver a discussão da questão da língua nacional (quer dizer, da língua brasileira, em muitos aspectos diferente da língua portuguesa), a discussão em torno de movimentos regionalistas na literatura e do folclore brasileiro, que levariam a um resgate da riqueza da cultura popular existente, mas desconhecida. Expressão dessas buscas são as viagens e pesquisas de Mário de Andrade, e o seu empenho para que se realizasse a missão de pesquisas folclóricas, percorrendo diversos estados do Nordeste brasileiro, realizada em 1938. É óbvio que - enquanto a discussão do caráter nacional brasileiro incluía muito mais vertentes teóricas, até do exterior - a discussão da cultura nacional se orientava mais na expressão real (tanto visível quanto audível), e presente nos mais diversos pontos do território nacional. Acredito que os aspectos abordados nestas duas notas representem a base necessária para a compreensão da discussão em torno da cultura baiana, com suas raízes africanas, tão presentes no candomblé, no samba e na capoeira.
- 16 Edison escreve numa carta a Arthur Ramos em 6/6/1936: "Estou ajudando o Estado da Bahia a fazer reportagens sobre o candomblé e, ao mesmo tempo, conseguindo a adesão de toda a turma" (Freitas Oliveira e Costa Lima, 1985, p. 115). (A "adesão" refere-se à participação dos mais diversos candomblés no 2º Congresso Afro-Brasileiro.) Alguns dos artigos escritos por Edison Carneiro são sobre a capoeira (9/6/1936) e o samba (2/7/1936), o "Mytho das Águas" (19/6/1936) e "O Culto da Natureza entre os Negros Bantus" (26/10/1936). Há, ainda, diversas entrevistas com alguns pais-de-santo mais famosos, incluindo as expectativas que estes tinham do 2º Congresso Afro-Brasileiro. São entrevistas com Jubiabá (11, 21 e 28/5/1936), Martiniano Bomfim (14/5/1936), Joãozinho da Goméia (7/8/1936) e Manoel Paim (29/8/1936). Segundo Pierson (1971, p. 400), algumas delas seriam da autoria de Corypneu de Azevedo Marques, porém certamente escritas e planejadas com o conhecimento ou até a ajuda de Edison Carneiro.

- 17 A pessoa responsável pela transmissão, que fez a apresentação dos convidados (Joãozinho e suas filhas), foi o sr. Oswaldo Bernardes. Ele me contou que, na época, trabalhava por um curto período no Rádio Comercial, a qual tinha uma programação interessante. Infelizmente, ele levou consigo os detalhes deste acontecimento, pois há pouco faleceu.
- 18 Diversos pais e mães-de-santo participaram ativamente do congresso, realizado a partir do dia 11 de janeiro de 1937, apresentando trabalhos sobre assuntos variados (ver: *O Negro no Brasil*, trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro, Bahia). Os participantes de outros estados, que ainda não conheciam o candomblé, foram levados a diversas casas de candomblé, para conhecer a beleza e a força das cantigas e danças, no seu contexto. A programação foi a seguinte: TN.8 - "12/1 Visita ao 'terreiro' de Procópio, no Matatu Grande, às 18 horas. Visita ao 'terreiro' do Engenho Velho, às 21 hs. 13/1 Visita ao Centro Cruz Santa, às 20 hs. 14/1 Festa fetichista do candomblé da Goméa às 14hs. 15/1 Visita ao candomblé do Gantois, às 20 hs" (EB, 11/1/1937, p. 7). TN 9 - "A visita aos 'terreiros'. Dando cumprimento ao seu programa, o Congresso Afro-Brasileiro visitou hontem, os 'terreiros' de Procópio e do Engenho Velho. Regiamente tratados em ambos os candomblés, os congressistas trouxeram, ali, a melhor das impressões, erguendo, principalmente no Engenho Velho, vivas entusiásticas à raça negra, ao Congresso Afro-Brasileiro, ao professor Martiniano do Bomfim e aos candomblés da Bahia. Chegados ao 'Terreiro' de Procópio às 7hs da noite, às 12 horas partiam os congressistas para o Engenho Velho, onde chegaram à uma hora. Recebidos com palmas pela numerosa assistência, os congressistas ahi se demoram até às 4hs da manhã de hoje, regressando em seguida à cidade" (EB, 13/1/1937, p. 2).
- 19 Vale a pena lembrar as publicações que surgiram naquela época, trazendo novas informações sobre o candomblé em geral. Na verdade, são poucas: Alguns dos artigos de Manuel Querino são basicamente editados nos anos 20, em diversas revistas e "anaes", para serem reunidos no volume *Costumes Africanos no Brasil*, publicado em 1938. Da vasta obra de Nina Rodrigues, são publicados *Os Africanos no Brasil*, em 1932, e o *Animismo Fetichista*, em 1935, esta última publicada originalmente em francês, em 1900, *O Negro Brasileiro*, de Arthur Ramos, é publicado em 1934, com 2ª edição em 1940. Na área da ficção, temos *O Feiticeiro*, de Xavier Marquez, em 1922, e *Jubiabá*, de Jorge Amado, em 1935.
- 20 Sem dúvida, o candomblé passou por muitas modificações: em primeiro lugar, devido a uma outra noção de tempo, que existe hoje em dia. Se, antigamente, era a quantidade de tempo que fazia de um conhecimento, acumulado em décadas, um saber de qualidade e profundidade, hoje em dia, na era do *time is money*, são a rapidez e a falta de tempo que influenciam e dominam a qualidade do conhecimento. Quase não existem mais pessoas que possuam o tempo necessário para aprender, como os mais velhos, através do lento mas prazeroso processo da transmissão oral, que evita o ensinamento direto e se contenta com a imitação dos mais velhos e a aprendizagem casual, conforme o dom de cada pessoa. As condições de trabalho de muitas filhas-de-santo mais jovens, especialmente as das grandes metrópoles, influenciaram por demais o processo de aprendizagem, hoje muitas vezes já enriquecido pela leitura, pelos estudos nos livros dos pesquisadores do candomblé. Os mais velhos, por sua vez, fecham-se frente a essas condições de vida, bastante modificadas, e muitas vezes preferem guardar os segredos em torno do axé do candomblé para sempre, em vez de passá-los para os mais jovens, que consideram incapazes de cuidar deles da forma que julgam correta. Devido a essa postura - que é abrangente - muito já se perdeu, e o dilema do candomblé pode ser resumido da seguinte forma: ou ele se adapta - como sempre se adaptou, desde a sua chegada ao Brasil - às condições da vida atual, que passa por transformações cada vez mais rápidas e significativas, ou ele acaba, como já acabaram as mais diversas casas de candomblé. Não cabe a nós dar palpite algum, ou fazer julgamentos, porque estes processos de transformação estão sempre em fluxo, e só depois de certo tempo alguém teria condições de fazer uma avaliação das transformações ocorridas.
- 21 Gostaríamos de ressaltar, mais uma vez, que o mesmo progresso e avanço tecnológico invejado e cobiçado por uns, que o consideram como o objetivo mais importante na vida, para outros já chegou a um grau de materialização e tecnologia tão elevado que acaba interferindo na criação cultural e artística do ser humano, que nunca deixa de ser algo sensível, individual e até rústico, no sentido de jamais poder ser substituído pela técnica. O número crescente de pessoas que vêm ao Brasil - e a outros países - em busca de estímulos e riquezas na área das artes (música e dança) deve ser visto frente ao domínio quase absoluto da tecnologia em países do chamado Primeiro Mundo. E parece que é justamente a cultura negra que muito oferece e fascina. Apesar de todos os efeitos colaterais que englobam a comercialização e a exploração, aspectos que não podemos discutir neste contexto, esta procura - que sem dúvida tem seu lado de modismo (ver a "profissão" de Mário de Andrade, TN.6) - confirma a importância indiscutível que a cultura e religiosidade de origem negra possuem até hoje no Brasil, especialmente na Bahia.
- 22 Não é a primeira vez que Jubiabá é intimado pela polícia. Ele aparece em três artigos em 1921 (ver T.18). O primeiro artigo (24/8/1921, p. 1) relata a visita que um repórter fez à sua casa. Logo em seguida, ele sofre a ação da polícia no seu terreiro (4 e 7/10/1921), sendo chamado de feiticeiro e curandeiro. Em 1931, ele já se declara espírita, certamente para escapar de novas perseguições - porém em vão, como se pode ver. Mais tarde, em 1936, depois da publicação do romance *Jubiabá* (em 1935), aparece uma série de artigos sobre Jubiabá e sua posição frente ao romance (EB, 11, 21 e 28/5/1936).
- 23 Devido ao fato de que este artigo apresenta o único caso encontrado em que uma diligência da polícia foi acompanhada por um repórter e um fotógrafo da imprensa, sendo então o único caso que se pode denominar de reportagem *in loco*, tomamos a liberdade de reproduzir o texto na íntegra. É necessário ressaltar que a diligência realizou-se pela manhã, no dia depois de uma festa. TN.10 - "Quando soam os atabaques. A polícia e a reportagem num santuário africano. É preciso limpar a cidade destes antros. A história do candomblé, triste reminiscência do africanismo, já tem sido feita entre nós. Taes ritos ainda são cultuados no nosso meio. O Cel. Octavio Freitas, sub-delegado do Rio Vermelho, teve denuncia de que naquele arrebalde, haviam diversas casas de candomblé e de feitiçaria, nas quaes creanças e raparigas, em grande numero, ficavam presas, despertando cuidados e inquietações de seus parentes e pessoas outras. Devidamente orientada, essa autoridade dirigiu-se, hontem, pela manhã e uma das citadas casas, afim de verificar a procedência da queixa. E foi ao logar denominado Muriçoca, na Matta Escura. Lá, de facto, deparou-se-lhe uma habitação de aspecto mysterioso, apesar das bandeirolas de papel de sêda que a enfeitavam. Acompanhando-o um nosso reporter, bem como um photographo de A TARDE. Chegados todos à aquella casa, o sr. Octavio Freitas encontrou-a cheia de pessoas pouco asseadas, denotando vigília e cansaço, que se estendiam pelas camas infectas, em numero consideravel. Aos cantos viam-se muitas creanças, a dormirem, e raparigas ainda jovens algumas vistosas, muito mal trajadas, emporcalhadas, demonstrando terem perdido muitas noites. Olhava lassos, o corpo pegajoso. A autoridade dirigiu-se a um dos quartos. Quizeram vedar-lhe a entrada. Ali só podiam penetrar os associados ou os componentes da seita, após os salamaleques do estylo, rezas e quejadas exquisitissimas de feitiçaria. Os visitantes não se submeteteram às exigencias e, embora olhados de soslaio, como intrusos, foram invadindo os aposentos dos deuses... Lá estava, repimpado, ridiculo, o santo Homolum, deus da bexiga, e outros respeitaveis, taes como S. João, S. Jorge, etc.,. Oxala também se encontrava naquelle antro de perversão e ignominia, em que se respirava uma atmosfera de nojo e asco, de repugnancia e mal estar. Cabaças, cuias, velas accesas, todos os apetrechos ignobeis da seita barbara enchiam o quarto e lhe emprestavam um aspecto infernal. Nas salas estendiam-se camas e cadeiras, esteiras, mesas com comidas etc. O pae do terreiro é o velho Samuel, de cerca de 60 annos de idade, a quem os presentes tratam com respeito verdadeiramente irritante. E tudo isso em plena capital, ás barbas da policia! Quando o atabaque estronda, na cadencia de seus toques guerreiros, ora surdo, ora estridente, as cabeças viram... Um dos presentes, de repente, vae se suggestionando ao som dos clangores estranhos, como vindos de além túmulo, e começa a rodar, a rodopiar aos solavancos até que exhausto, cae, quase sem sentidos. Conduzem-no então, para uma das camas. De preferencia o espirito se encosta a mulheres. E assim dias e noites, vae sucessivamente pervingendo velhos e moços, mulheres e creanças, cuja educação não lhe permite reagir á influencia da seita pernicioso e prohibida pela policia de costumes. A diligencia de hontem foi coroada de exito, mas deve ser seguida de outras nos demais districtos" (AT, 20/8/1928, p. 1). Segundo Donald Pierson (1971, pp. 341 e 399) este texto seria da autoria de Gustavo Barroso, membro do integralismo. Infelizmente, não consegui verificar esta indicação; mesmo assim, vale a pena mencionar este fato, para futuramente ser esclarecido. Um pequeno resumo das publicações de teor fascista deste autor encontra-se em Dante Moreira Leite (1983, pp. 271-2).
- 24 É curioso ver que Nina Rodrigues cita artigos e denúncias dos jornais por volta de 1900, que contêm basicamente as mesmas críticas e preconceitos que se encontram vinte ou trinta anos mais tarde; os candomblés estariam perturbando o silêncio público, "explorando a credulidade pública e exercendo ilegalmente a medicina" (1945, p. 396). Ele combateu os pseudo-argumentos para tais acusações, em primeiro lugar com o argumento de que mesmo se estas fossem verdadeiras, não era necessário lançar mão da violência brutal, que é um sinal de ignorância pior do que aquela que se pretende punir (1945, pp. 377 e 385-96). Além do mais, Nina Rodrigues nos dá um motivo muito interessante para a ação e campanha das "classes influentes": elas tentam reprimir e extinguir os candomblés porque afinal de contas temem-nos (1945, p. 377).
- 25 Pela descrição do local, parece tratar-se da Casa de Oxumaré, como é chamada hoje. Na época, era liderada por Antônio Oxumaré.
- 26 É necessário acrescentar que, infelizmente, ainda não foi possível encontrar o artigo que originou esta réplica, publicado (quase com certeza) no suplemento literário do dia 1º de julho de 1939. Os exemplares consultados não continham a página em questão. A data mencionada certamente deveria ser 13 de maio. Consta, porém, 18 de maio.